

DIARIO OFFICIAL

REPUBLICA FEDERAL



ANNO XXXI—3.º DA REPUBLICA—N. 5

CAPITAL FEDERAL

QUARTA-FEIRA 6 DE JANEIRO DE 1892

SUMMARIO

ACTOS DO PODER EXECUTIVO.

Decretos de 2 e 4 do corrente (Ministerio da Guerra).

SECRETARIAS DE ESTADO :

EXPEDIENTE do Ministerio do Interior.

EXPEDIENTE do Ministerio da Justiça e actos de 5 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Fazenda e actos de 4 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Marinha e actos de 31 dezembro e 2 e 4 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Guerra.

EXPEDIENTE do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e actos de 16 de outubro de 1891.

EXPEDIENTE do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos e actos de 5 do corrente.

REDACÇÃO — Os materiaes da sciencia economica — O jornalismo — O velocipede — O Socialismo agrario — A civilização antiga. — Carabina Kropatchek — Fuzil Manlicher.

RENDAS PUBLICAS — Alfandega Federal — Recebedoria — Mesa de Rendas do estado do Rio.

NOTICIARIO.

EDITAES E AVISOS.

SOCIEDADES ANONYMAS.

PATENTE DE INVENÇÃO.

ANNUNCIOS DIVERSOS.

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

Ministerio da Guerra

Por decreto de 2 do corrente, foi indultado o alferece do 3º regimento de cavallaria Tito Araujo de Castro Ramalho do crime de deserção que commetteu.

Por outros de 4 do corrente, concedeu-se :

Troca de corpos entre si aos capitães Preludiano da Rocha e Coriolano de Carvalho e Silva, este da 4ª bateria do 2º regimento de artilharia de campanha e aquelle da 1ª do 4º regimento da mesma arma ;

Reforma, de conformidade com o art. 4º do decreto n. 193 A, de 30 de janeiro de 1890, ao coronel do quadro extranumerario da arma de infantaria Manoel da Silva Rosa Junior, e de conformidade com os arts. 1º e 4º do citado decreto ao coronel commandante do 3º batalhão de infantaria Manoel Francisco Soares.

SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio da Justiça

Por portarias de 5 do corrente, foram nomeados :

Para o cargo de 2º supplente do subdelegado do 1º districto da freguezia de Santa Rita, o Dr. Francisco Bello de Andrade ;

Para o de 3º supplente do mesmo subdelegado, o cidadão Antonio Joaquim de Almeida.

— Foram exonerados, a pedido :

Do cargo de 2º supplente do subdelegado do 1º districto da freguezia de Santa Rita, o cidadão Arthur Oscar de Faria Ramos ;

Do de 3º do mesmo subdelegado, o cidadão Alvaro de Souza Castro.

— Concederam-se licenças :

Por dous mezes, ao tenente secretario do regimento de cavallaria da brigada policial desta capital, Raymundo Soares da Silva, para tratar da sua saude ;

Por 40 dias, ao soldado do 2º batalhão de infantaria da brigada policial desta capital, José Caetano Esteves, para fim identico.

Expediente do dia 4 de janeiro de 1892

Communicou-se ao Ministerio da Fazenda, para os fins convenientes que, por decreto de 2 do corrente mez, foi aposentado com todos os vencimentos o desembargador Julio Barbosa de Vasconcellos, visto não ter sido aproveitado na organização judiciaria do estado de Minas Geraes e contar mais de 30 annos de exercicio, devendo os seus vencimentos de inactividade serem pagos pela thesouraria daquelle estado.

— Transmittiram-se ao Conselho Supremo Militar de Justiça afim de serem julgados em superior e ultima instancia, os processos instaurados contra o soldado Amancio José de Lima e o corneteiro Estacio Manoel de Souza, ambos do 2º batalhão de infantaria da brigada policial desta capital, por crimes de primeira deserção aggravada e ferimento em um seu camarada.

— Autorisou-se o general commandante da brigada policial desta capital a manda dar baixa do serviço por incapacidade physica ao cabo de esquadra do regimento de cavallaria da mesma brigada Manoel José de Souza.

1892

Solicitou-se do Ministerio da Fazenda a expedição de ordens :

Para que seja indemnizado o porteiro da Corte de Appellação José Francisco da Rocha, da quantia de 51\$566 das diarias do servente do mesmo tribunal, e das despesas miudas por elle feitas durante o mez findo.

Para que seja paga a Antonio da Costa Barros Pereira das Neves a quantia de 450\$, importancia dos alugueis de seu predio, situado à rua do Marquez de S. Vicente n. 16, freguezia da Gavea e occupado pelo 7º posto policial relativos aos mezes de setembro a novembro ultimo.

— Communicou-se ao Dr. Joaquim Francisco Barros Barreto que, visto haver-se inaugurado no dia 21 do mez proximo findo, no Theatro S. Pedro de Alcantara, uma ker-

messe, cujo rendimento reverterá em beneficio do Asylo de Mendicidade e do montepio municipal, foi nomeado para fazer parte da commissão que deverá fiscalisar aquelle rendimento, a qual será presidida pelo director do dito asylo.

— Declarou-se ao governador do estado das Alagoas, com referencia ao seu telegramma de 29 do mez findo, que não pde ser attendida a pretensão do juiz de direito Luiz Monteiro de Amorim Lima, visto não existir actualmente comarea vaga de primeira entrada naquelle estado.

— Transmittiu-se ao Ministerio da Guerra, para tomar na consideração que merecer, copia do telegramma da junta governativa do estado de Sergipe, pedindo que sejam fornecidas 400 armas e o competente corraime para o respectivo corpo policial.

Ministerio da Fazenda

Por titulo de 4 do corrente mez, foi concedido a Francisco Xavier de Lacerda a exoneração, que pediu, do logar de praticante interino da Thesouraria de Fazenda do estado do Amazonas.

Por portaria da mesma data, foram concedidos 60 dias de licença ao praticante da Thesouraria de Fazenda do estado das Alagoas Arsenio Augusto de Araujo, com vencimento na forma da lei, para tratar de sua saude onde lhe convier.

Circular n. 72 — Ministerio dos Negocios da Fazenda—Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1891.

Em confirmação do telegramma desta data, declaro aos Srs. inspectores das thesourarias de fazenda, para seu conhecimento e o fizerem constar aos das alfandegas, para a devida execução, que, em cumprimento das leis ns. 25 e 26, datadas de hontem, a primeira orçando a receita e a segunda fixando a despeza da Republica para o exercicio de 1892, devem ser arrecadados os impostos como até agora, excepto quanto aos direitos de consumo, os quaes serão cobrados em moeda-papel, sendo o imposto em ouro substituido pelo seguinte : 50 % addicionaes sobre os direitos de importação de mercadorias para o consumo, menos bacalhão e outros peixes secos, carne de xarque, feijão, milho, arroz e vinagre commum ou de cozinha ; 60 % addicionaes sobre vinhos, cerveja, bebidas alcoolicas, licores, algodão, lã, linho, seda e artefactos destas materias ; e 10 % , tambem addicionaes sobre o expediente dos generos livres de direitos de consumo, capatazias, armazenagem, imposto de pharões e de docas.

Quanto à despeza, regulará a distribuição de creditos, feita para o exercicio de 1891, até que recebam nova ordem a esse respeito. — Antonio Gonçalves de Faria.

Circular n. 73—Ministerio dos Negocios da Fazenda—Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1891.

Communico aos Srs. inspectores das thesourarias de fazenda, em confirmação do meu telegramma desta data, que a execução do decreto n. 169 de 25 de abril ultimo, sobre facturas consulares, foi adiada pelo de hontem, sob n. 705, para o dia 1 de maio de 1892. — Antonio Gonçalves de Faria.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

João Pio da Fonseca, tenente de cavallaria do exercito, pedindo que se lhe mande passar por certidão o tempo que serviu de guarda na Alfandega de Pernambuco. — Requeira à Alfandega de Pernambuco.

Alzira Lâura da Silva Lopes, pedindo para receber por si o montepio a que tem direito, por considerar-se maior, visto ter se casado com Cesar Falconier de Souza Barros. — Deferido.

Benedicto Jagoanharo da Fonseca, guarda da Alfandega do estado do Ceará, pedindo prorrogação da licença com que se acha para tratar de sua saúde. — Informe a Alfandega do Ceará.

John Milne Tindal, pedindo transferência para seu nome de tres apolices do resgate da Estrada de Ferro S. Paulo e Rio de Janeiro, que comprou a Collecta Nogueira de Barros. — Como requer.

Banco de Credito Brasileiro, pedindo dispensa de contribuir para o pagamento dos vencimentos do pessoal da junta fiscalizadora dos bancos e companhias. — Informe a junta.

Amelia Franco Ribeiro, pedindo que se lhe mande passar o titulo do meio soldo a que tem direito, como viuva do finado 2º tenente de artilharia reformado do exercito Leopoldo de Carvalho Ribeiro. — Passe-se, nos termos dos pareceres.

Empreza Industrial de Melhoramentos no Brazil, pedindo o desalfandegamento do trapiche da ilha das Moças e do denominado Saude, ambos de sua propriedade. — Deferido, nos termos do parecer.

Empreza de Obras Publicas no Brazil, pedindo restituição do imposto de transmissão de propriedades, que allega ter pago indevidamente pela compra dos vapores *Planeta* e *Estrella*, que actualmente fazem parte da flotilha do Lloyd Brasileiro. — Requeira à Recebedoria.

Ministerio da Marinha

Por portarias de 31 de dezembro ultimo concederam-se as seguintes licenças, para tratarem de sua saúde onde lhes convier:

De quatro mezes, com soldo, ao 2º tenente Alfredo Corte Real;

De tres mezes, com soldo, ao commissario de 3ª classe João José Rodrigues Corrêa;

Por outras de 2 do corrente, foram nomeados:

Membros da comissão encarregada de confeccionar o regulamento para o serviço interno dos navios da armada: almirante graduado Elisiario José Barbosa, capitão de mar e guerra José Candido Guillobel, capitão de fragata Rodrigo José da Rocha, capitão-tenente Emilio de Carvalhaes Gomes e 1º tenente Manoel Pacheco de Carvalho Junior;

Membros da comissão encarregada de reorganisar o corpo de marinheiros nacionaes e regulamentar o serviço de reserva na armada: contra-almirante Manoel Carneiro da Rocha, capitão de mar e guerra Carlos Frederico de Noronha, capitão de fragata João Justino de Proença, capitão-tenente Luiz de Azevedo Cadoval e 1º tenente Bernardo Silveira de Miranda;

Ajudante interino da Repartição Central Meteorologica o 1º tenente Alvaro Agostinho Rosavro de Almeida.

Por outras de 4 de corrente,

Foram nomeados:

O capitão de mar e guerra José Antonio de Alvarim Costa para interinamente exercer o logar de director do Hospital de Marinha;

Augusto Pimentel Pereira para escrevente da armada, pertencendo à respectiva brigada.

— Concederam-se ao 1º tenente José Libanio Lamenho Lins tres mezes de licença para tratar de sua saúde onde lhe convier.

Expediente do dia 31 de dezembro de 1891

Ao Ministerio da Fazenda:

Enviando os papeis referentes ao pedido da Sociedade Cooperativa Militar do Brazil de ser admittido na Contadoria que o officio de consignação, assignado pelo official e remetido à mesma contadoria pela sociedade sirva de documento bastante para por elle ser autorisado o pagamento, dispensada a formalidade da procuração;

Rogando expedição de ordem para que no exercicio de 1892 vigore a distribuição de creditos feita para o de 1891 às thesourarias de fazenda dos estados, até que se faça a nova distribuição, afim de evitar demoras nos pagamentos.

Rogando os seguintes pagamentos:

De 22:960\$800 à Estrada de Ferro Central do Brazil, proveniente de carvão de pedra Cardiff fornecido à marinha, em agosto ultimo;

De 10:213\$620, importancia de fornecimentos feitos ao Commissariado Geral da Armada e Hospital de Beribericos, de maio a dezembro de 1891.

Solicitando expedição de ordem para que a Thesouraria de Fazenda do Parana abone ao guardião Firmino Teixeira Coelho a importancia de soldos que deixou de receber. — Expediu-se ordem à Contadoria para remessa de guia.

Rogando a concessão do credito de 1:475\$245, à Thesouraria de Fazenda do Rio Grande do Sul, por conta da verba — Hospitales — do exercicio de 1891. — Communicou-se ao governador daquelle estado e à Contadoria.

— Ao Ministerio do Interior, rogando indemnização de 113\$809, importancia de fornecimentos de linguados e manilhas de ferro para as boias que devem ser collocadas para demarcação do encanamento que conduz agua para o Hospital de Santa Barbara. — Communicou-se ao Ministerio da Fazenda.

— Ao Ministerio das Relações Exteriores, solicitando indemnização da quantia de 712\$040, proveniente de despesas feitas por bordo da canhoneira *Taquary*, durante a commissão que desempenhou por conta daquelle ministerio. — Communicou-se ao Ministerio da Fazenda.

— Ao Quartel General:

Mandando contractar um calafate para servir na flotilha do Rio Grande do Sul, de accordo com a lei. — Communicou-se à Contadoria.

Mandando adicionar ao tempo de serviço do commissario João Gomes de Lima o periodo de 19 de janeiro de 1882 a 22 de janeiro de 1885, em que serviu como escrevente a bordo do encouraçado *Solimões*.

— A Contadoria:

Mandando abonar aos officiaes empregados no hospital de marinha, conforme requereram, a differença da gratificação, a que teem direito pelo art. 85 da Constituição.

Autorisando a organizar processo de exercicio findo afim de que o marinheiro nacional invalido João Francisco dos Santos seja embolsado da quantia de 144\$, de que é credor.

Autorisando a indemnisar o capitão de fragata Miguel Antonio Pestana do valor de passagens que pagou, para o seu transporte, o de sua esposa e de uma filha, do Rio Grande do Sul à esta capital.

— A Thesouraria de Fazenda do Rio Grande do Sul, transmittindo cópia da informação prestada pela Contadoria sobre o credito de 2:000\$ de que tratou em officio n. 7 de 7 de novembro ultimo.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Primeiro tenente Alcídio Augusto Teixeira de Freitas. — Indeferido.

Virgínia Atto. — A vista das informações nada ha que deferir.

Ministerio da Guerra

Por portaria de 31 de dezembro ultimo:

Concedeu-se:

— Ao Dr. José Honorio de Oliveira exoneração do logar de medico adjunto do exercito, no estado do Rio Grande do Sul, visto estar comprehendido nas disposições contidas no aviso de 16 de Março ultimo;

— Ao capitão reformado do exercito João Francisco Mena Barreto, licença para residir no estado do Rio Grande do Sul.

— Foi nomeado Manoel Antonio Nunes para o logar de fiel do almoxarife e comprador do hospital militar de 2ª classe de S. Gabriel, no estado do Rio Grande do Sul.

Expediente do dia 30 de dezembro de 1891

— Ao Sr. Ministro da Fazenda, remetendo os papeis relativos a um terreno, comprehendido entre o campo de S. Christovão, rua Vinte e Cinco de Março, e praia daquelle nome, onde outr'ora existia um quartel e hoje se acha occupado pela fabrica de tecidos, construcções etc. da Companhia S. Lazaro, a qual, segundo consta, foi alugado pela viuva do cidadão portuguez Braz Antonio Carneiro, afim de que, mandando examinar a escripturação dos proprios nacionaes, se digne informar a este ministerio si a posse desse terreno pertence, com effeito, à dita viuva, ou si ao estado, como é de suppor.

— Ao Sr. Ministro do Interior, transmittindo os papeis relativos ao facto de haver o soldado do 30º batalhão de infantaria Joaquim Pinto Cardoso salvado no dia 5 do mez ultimo a vida de uma mulher que pretendia suicidar-se atirando-se ao Riachinho, no estado do Rio Grande do Sul, afim de que se digne tomal-os na consideração que merecerem.

— Ao Sr. Ministro da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, solicitando providencias no sentido de cessarem as irregularidades que se têm dado na expedição da correspondencia official do commando do 7º districto militar, de modo a prejudicarem o serviço publico, retardando o cumprimento de ordens urgentes, conforme participou o respectivo commandante em officio n. 788 de 19 do mez findo dirigido ao ajudante general.

— Ao general ajudante general declarando, para os fins conveniente e em resposta ao seu officio n. 12.029 de 24 do mez findo, que, no almanak militar que tem de ser brevemente publicado, não devem continuar a figurar os titulos e condecorações honorificas, mas tão somente as medalhas de campanha e humanitarias.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda do estado de Goyaz, declarando, para os fins convenientes e em solução ao requerimento do capitão reformado do exercito Antonio Brazilio da Fonseca, que a este capitão, nomeado pelo então governador do estado para exercer interinamente o logar de encarregado do expediente do pessoal e material, nenhum direito assiste à percepção da etapa que reclama, devendo a dita thesouraria suspender-lhe o abono da gratificação mensal de 130\$, e fazer-lhe carga do que lhe houver pago, por isso que semelhante logar foi extincto por aviso de 30 de Maio do corrente anno.

— Ao director da Escola Superior de Guerra, declarando, em solução à consulta que fez em officio n. 145 de 4 do corrente, com relação ao requerimento que acompanha o mesmo officio e no qual o 1º tenente de artilharia Julio Cesar Barboza Penna alumno dessa escola, pede demissão do serviço do exercito, que a indemnização que o official tem de fazer, em virtude do artigo 290 do regulamento de 12 de abril do anno passado, abrange o fardamento e a etapa que se lhe houver abonado durante o tempo em que esteve como alumno nas escolas, quer como praça de pret, quer como official.

— Ao ministro residente de Hespanha nesta capital, communicando, em resposta à nota que se dignou dirigir a este ministerio em 10 do corrente, que foi abolido o recrutamento

no Brazil, e que o exercito não aceita voluntarios estrangeiros sem declaracão dos respectivos consules e muito menos menores nas condiçoes do subdito hespanhol Francisco Rivas Mir, de que trata a mesma nota.

A Repartição de Ajudante General :

Declarando que, por telegramma desta data, é approvado provisoriamente o valor de 925 réis para a etapa das praças da guarnição do estado de Sergipe, durante o futuro semestre de janeiro a junho ;

Transferindo para o 5º regimento de artilharia de campanha o 1º tenente do 2º batalhão de engenharia Raphael de Menezes; para a Escola Militar da capital ás matriculas com que frequentam a do estado do Rio Grande do Sul os alumnos Nilo Cairo Silva e Antonio Godolphim, e para esta as com que os alumnos Henrique de Avila Junior, Isidro Leite Ferreira de Araujo e Augusto Feliciano Pereira frequentam as aulas da desta capital.

Concedendo:

Aos alumnos da escola militar desta capital Angelo de Souza Franco, Conrado Felix Serra Sampaio e Arthur Fernandes Cardoso, transferencia da matricula com que frequentam as aulas da mesma para a do Rio Grande do Sul;

As seguintes licenças :

Ao alumno da escola militar da capital Luiz Salgado Accioli, por dous mezes, para tratar de negocios de seu interesse no estado de Pernambuco, a quem se deve abonar passagem de ida, para descontar na forma da lei;

Para o anno proximo vindouro se matricularem; si houver vagas e satisfizerem as exigencias regulamentares :

Na escola militar da capital :

Cadetes do 7º batalhão de infantaria Helvecio Renato Besouchet e Jacinto Dias Ribeiro e prisaos Jorge Schimmelpfing e Theodomiro Ramos de Queiroz, devendo previamente assentar praça e ficando desde já á disposiçao do commandante da escola.

Na Escola Militar do estado do Ceará :

1º cadete do 5º batalhão de artilharia de posiçao Virgilio Gytirana.

Na Escola Militar do estado do Rio-Grande do Sul :

Soldado do 4º regimento de cavallaria Gelasio Pertersen.

Mandando

Declarar ao commandante do :

2º districto militar que não convindo, pelas razoes constantes da informacão prestada pelo director de obras militares do estado do Ceará, comprar ou alugar o predio pertencente a Carlos Felipe Rabello de Miranda, e sendo urgente estabelecer-se alli o hospital militar, deve providenciar, com urgencia, para que seja contratada uma casa que se preste áquelle fim, rescindindo-se então o contracto feito com a Santa Casa de Misericordia para tratamento dos officiaes e praças daquella guarnição ;

5º districto militar que não realise a compra da cavallhada para a remonta do 3º regimento de artilharia e 8º de cavallaria, bem como a acquisiçao do respectivo arreamento, até ulterior deliberação do governo.

Incluir novamente no Asylo dos Invalidos da Patria o alferes honorario do exercito João Barbosa de Góes, visto achar-se impossibilitado de prover os meios de subsistencia, conforme o parecer da junta que o inspecionou em 17 do corrente.

Dar passagem para o estado do Pará ao soldado do 7º batalhão de infantaria Raphael Alvaro Machado e ao alumno da escola militar da capital Roque Simpliciano da Costa Perdigão, fazendo-se-lhes carga da respectiva importancia para descontarem na forma da lei.

Pôr á disposiçao ;

Do Sr. Vice-Presidente da Republica o capitão do estado maior de artilharia Francisco Baptista da Silva Pereira;

Do commando da escola militar da capital, o cabo de esquadra do 7º batalhão de infantaria José Armando da Marcondes Ferraz; o 2º cadete do 2º regimento de artilharia de campanha João Odilon Gomes Pinto e o soldado do 1º batalhão de infantaria Antonio de Araujo Lins, a quem se concedeu licença para no anno proximo vindouro se matricularem na referida escola ;

Do commando da escola militar do estado do Rio Grande do Sul ao 2º cadete do 1º regimento de cavallaria Francisco do Rego Barros Pessoa, a quem por portaria de 22 de agosto ultimo, se concedeu licença para em 1892 matricular-se na mesma escola, permitindo-se-lhe prestar, opportunamente exame de historia, unica materia que lhe falta para concluir o curso preparatorio ;

Inspeccionar de saude o alumno da escola militar desta capital Henrique Justino Alves Jacutinga, conforme pediu.

Fizeram-se as necessarias communicaçoes.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Companhia Estrada de Ferro Leopoldina.— Já está passada a certidão que lhe será entregue pela Fabrica de Polvara da Estrella.

2º cadete 1º sargento Alfonso Duterville Ferreira e Silva.— Já teve licença em 19 de dezembro do anno passado.

Soldado José Gomes Pinheiro Junior.— Requeira pelos canaes competentes.

Major reformado do exercito Joaquim Vieira de Aguiar.— Não tem logar, em vista das informaçoes.

1º cadete 1º sargento Luiz Vieira Ferreira Sobrinho.— Requeira ao Congresso Nacional, visto ter excedido a idade regulamentar.

2º cadete Marcellino José do Rosario e Silva.— Está prescripta, na forma da lei, a divida reclamada pelo supplicante, não tendo dado entrada nesta secretaria de Estado o titulo de divida a que allude em sua petiçao.

Capitão reformado do exercito Valerio Segismundo de Carvalho.— Não procede a reclamacão do supplicante.

Conrado Felix Serra de Sampaio.— Opportunamente será attendido.

Claudina Porfiria do Amor Divino.— Não ha que deferir, em vista das informaçoes.

Major reformado do exercito Pedro José de Lima.— Aguarde a resoluçao do Congresso.

2º cadete José Ferreira Castello Branco.— O supplicante ainda não foi desligado da escola.

1º sargento João Bartholomeu Klier.— Não tem logar, em vista da informacão do commandante da escola militar da capital.

Ministerio da Agricultura

Por portaria de 16 de outubro findo, foi prorogada por mais sessenta dias a licença em cujo gozo se achava o ajudante de 2ª classe da Estrada de Ferro Central, em Pernambuco, Vicente de Paula Felicio dos Santos.

Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos

Foi exonerado o bacharel Joaquim Maria Carneiro Villela, do cargo de bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife e nomeado para o mesmo cargo o bacharel Manoel Cicero Peregrino da Silva.

REDAÇÃO

Os materiaes da sciencia economica

(Continuado do n. 3)

Convem que desde já nos occupemos com a definiçao do termo—valor. Não sem razão dizia Bastiat que «a theoria do valor é para a economia politica o que a numeracão é para a arithmetica». (1) O professor Perry diz: «Esta palavra marca e limita o campo da economia politica». Proudhon exclamava: «O valor é a pedra angular do edificio economico». Comquanto

Stuart Mill faça algumas restricções, diz entretanto: «A questao é fundamental». (2) Verdade é que depois de repetir: «Principios definindo os termos» (3) nenhuma definiçao apresenta deste tão importante.

Nenhuma expressao da linguagem economica levantou mais discussões do que esta. Definições ha que provocaram reclamações de propriedade. Todavia, a questao acha-se tão pouco assentada até hoje, que o professor Jevons declarou que deixaria completamente de empregar este termo. Substitue-lhe porém a locuçao: «razão de permuta» e confessa afinal que tambem esta não o satisfaz.

Conta o professor Thornton a seguinte anedocta, muitissimo typica :

«A maioria dos membros do Political Economy Club conhecem a anedocta de Sydney Smith. Poucos dias depois de ter sido admitido, pediu sua demissao do club. Motivava-a do seguinte modo. Entrou para o Political Economy Club esperara ali descobrir o que era o valor e apenas tinha descoberto que sobre esta materia os demais membros do club sabiam tanto como elle.» (4)

Adam Smith não deu uma definiçao da palavra valor.

Juntou-lhe dous qualificativos distinctos, que lhe dão dous sentidos completamente oppostos. «A palavra «valor» diz elle, tem duas significaçoes diferentes; algumas vezes significa a utilidade de um objecto particular, outras vezes significa a faculdade que dá a posse desse objecto de comprar outras mercadorias.

«Pode-se dominar, a um, valor de uso, ao outro, valor de permuta.

«Cousas que tem maximo valor de uso, muitas vezes não tem sino pequeno ou nenhum valor de permuta e vice-versa.» (5)

Stuart Mill observa que na ultima phrase a reciproca não é verdadeira, sendo a apreciacão do uso uma questao moral e não economica. A definiçao de Smith tem apenas uma desgraça: não existe.

Si o valor significa a utilidade de um objecto particular, o ar, a agua que tem maxima utilidade, deveriam ter maximo valor. Ora, isto dá-se apenas em certas circunstancias.

Adam Smith, apercebendo-se da contradicção, introduzia o termo «valor da permuta», que, neste caso, destroe o primeiro, porquanto estes dous valores são frequentemente contradictorios.

Entretanto, muitos economistas contentaram-se com esta contradicção, entre outros o Sr. Blanqui. Segundo elle, a distincção estabelecida por Adam Smith tem a grande vantagem de estabelecer claramente o caracter particular do valor de permuta, unico com que se fazem transacções, por ser o producto do trabalho humano.

A razão é falsa, porque permutam-se cousas por serem uteis, e não por serem produzidas pelo trabalho humano. Compro uma collina onde quero estabelecer um moinho. A collina tem um valor para mim; entretanto não custou para erguel-a nenhum trabalho de quem a vende.

Ricardo comprehendera perfeitamente o erro de Smith; mas elle proprio cahiu no mesmo erro que Blanqui. Considerando a utilidade, diz: «Não é ella a medida do valor permutavel, comquanto lhe seja essencial». A restricção era prudente; porém, depois de fazel-a, não falla mais sino do trabalho, como fundamento do valor. «O valor de uma mercadoria, escreve elle, depende da quantidade relativa de trabalho necessaria para produzi-la». Aqui o erro, apontado por J. B. Say, é manifesto. Trabalhaes trinta annos para produzir um poema epico; si a necessidade não se faz sentir, si não é util, ficará sem valor, aprez da quantidade consideravel de trabalho que custou. Sem utilidade não ha valor!

O erro de Ricardo provém da confusao que assignalamos entre o esforço e a utilidade, o trabalho e seu resultado.

(2) Liv. III, cap. 1, § 1.
(3) Liv. III, cap. 1, § 2.
(4) Liberton, artigo da «Contemporary Review», outubro 1873: «Carinas ou valores».
(5) «Richesse des Nations», liv I, cap. IV.

Storch, para não commetter o mesmo erro, colloca o valor no juizo, Senior na raridade.

Todas estas definições teem um lado verdadeiro; nenhuma, porém, dá o sentido real e preciso que se deve ligar à palavra *valor*.

Estes economistas apenas viram um termo no valor, emquanto que se compõe de muitos termos.

O valor não é nem o util, nem o trabalho, nem a raridade.

Um individuo A é dotado de grande força muscular. Desenvolveu-a também pelo exercício. Tem que levantar um fardo. Levanta-o sozinho sem nenhum auxilio. Sua força é uma utilidade para elle.

A, o individuo forte, não tem agua. Diz a B: «Em troca da utilidade de minha força, que te dou, dá-me agua, que tem valor para mim, como minha força tem valor para ti.»
Do ut des.

Em resumo, o homem possui utilidades; só as relações entre os homens dão-lhes um valor.

Não se trafica, não se mercancia, não se permuta com os musculos, os nervos, a agua, o ar; todas as forças e agentes naturaes de que pôde-se servir o homem; os homens só traficam entre si; o valor é uma relação humana.

Rossi, tomando a definição de Smith, enganava-se quando dizia: «O valor é a relação que existe entre as necessidades do homem e as cousas. Um objecto é proprio para satisfazer nossas necessidades? ali está um valor.» (6) Não. Ali está uma utilidade. E' a permuta que determina o valor.

B tem sede. Tem agua. Nada paga a natureza para se desalterar. A paga essa agua, emquanto for possuida por B.

Smith, Senior, J. Say consideram o valor como uma relação entre dous objectos. O Sr. H. Passy diz que o valor é uma relação de quantidade entre os productos permutados. (7) Productos? quaes os productos? os serviços não teem valor? os esforços não teem valor?

O valor não é uma relação entre dous objectos: é uma relação entre dous individuos.

O Sr. Carey definiu:

«O valor é a medida da resistencia a vencer para a obtenção das mercadorias necessarias ás nossas necessidades, isto é, a medida da potencia da natureza sobre o homem.» (8)

Si nos collocarmos na posição de Robinson, esta definição é exacta; mas Robinson é uma excepção. Calculava o valor dos objectos pelos esforços que devia fazer para os adquirir; nós calculamos o valor dos objectos menos pelos esforços que devemos fazer do que pelas utilidades que devemos dar em troca.

Os Srs. Bastiat, Charles Dunoyer, R. Fontenay, tendo verificado estes diversos factos, concluíram: — as utilidades fornecidas pelos agentes naturaes não teem valor. Só os serviços humanos teem valor, e Bastiat resume este systema na formula seguinte: — o valor é a relação de dous serviços permutados.

Unicamente, Bastiat e os economistas imateriaes recusam admitir que todo o serviço humano compõe-se de tres cousas:

1ª, utilidade fornecida pela natureza: nervos, musculos, poderio cerebral, ar, agua, solo, etc.;

2ª, o esforço que necessitou;

3ª, a necessidade que tem desse serviço aquelle a quem é prestado; porquanto todo o serviço implica necessidade.

Tendo-se descuidado de assim decompor os elementos que constituem um serviço, os Srs. Bastiat e R. Fontenay declararam que o valor tinha por unica base o esforço que o serviço custou ou o esforço que o serviço poupou; que o valor jamais se applica á utilidade das cousas, sempre, porém, á utilidade dos serviços humanos; que os agentes naturaes nada teem que reclamar como valor na obra da produção.

Para sustentar esta these, Bastiat enveredou por uma serie de demonstrações subteis.

«Tenho necessidade de agua, disse elle, e a fonte acha-se a uma legua da aldeia. E por

isso todas as manhãs, dou-me ao trabalho de ir fazer pequena provisão de agua, porquanto na agua reconheci essas qualidades uteis que teem a propriedade de acalmar o soffrimento que se chama sede. — Necessidade, esforço, satisfação, tudo ali se encontra. Conheço a utilidade, mas ainda não lhe sei o valor.

«Entretanto, meu vizinho indo também á fonte, lhe digo: «Poupei-me o trabalho de dar esta caminhada: presta-me o serviço de trazer-me agua. Durante este tempo fizei alguma cousa por vós; ensinarei vosso filho a soletrar.» Ha nisso vantagem para ambos.

«Em breve, digo ao visinho: «o menino me importuna, prefiro fazer outra cousa; contintareis a carregar-me a agua, dar-vos-hei cinco soldos». Si a proposta for acceita, o economista, sem receio de enganar-se, poderá dizer: «O serviço vale cinco soldos».

«Mais tarde, o visinho não está mais pelo trato. Sabe por experiencia que todos os dias tenho necessidade de beber... faz-se mercador de agua. Então diz-se: «A agua vale cinco soldos».

«Mas, na realidade, a agua mudou de natureza? O valor que ha pouco estava no serviço materializou-se para se incorporar na agua?...»

Não; mas Bastiat supõe neste caso que a fonte não pertence a ninguém. Neste caso não se paga sinão o trabalho. Mas si a fonte foi apropriada por alguém? Si esse alguém exigir um imposto para que se tire sua agua? Por acaso a utilidade dessa agua não tem valor? Não se pagará a utilidade dessa agua?

Bastiat dá outro exemplo:

«Passeio em uma praia. Feliz acaso proporciona-me encontrar um soberbo diamante. Eis-me de posse de um grande valor. Por que? Irei espalhar grande bem pela humanidade? será porque entreguei-me a longo e penoso trabalho? Nem uma nem outra cousa. Qual a razão, pois, desse brilhante ter tanto valor? E', sem duvida, porque a pessoa a quem o cedo julga que lhe presto um grande serviço.»

E conclue:

«O valor não está no diamante; está todo nos serviços prestados e recebidos por occasião dessas cousas, e determinado pelo livre debate dos contractantes.»

Muito bem; mas si o diamante não existisse, não haveria contractantes, não haveria serviços permutados. A utilidade é subjectiva, já o dissemos. Evidentemente não está no diamante mesmo; está na utilidade que certas pessoas attribuem ao diamante; mas esta utilidade é inseparavel do diamante: o serviço prestado pelo possuidor do diamante acha-se ligado ao diamante. O termo *serviço* é empregado por Bastiat, nestes dous exemplos, em duas accepções differentes: ao primeiro exemplo, representa o trabalho; no segundo representa a procura.

O Sr. R. de Fontenay, para sustentar a these de Bastiat, exclama: (9)

«Quando nos encherem os ouvidos a respeito de Clos-Vougeot e de seu preço elevado, responderia: — Attentai nos cimos da Côte-d'Or para esses montões de calcareo cinzento, esses vinhedos cercados, quaes crateras, de agglomerações de pedras que uma a uma lançaram de seu seio. O vinho que o trabalho medonho arranca do solo não se vende por mais de dous a tres soldos a garrafa. Eis por que o Clos-Vougeot vale seis ou oito francos. — E para quem comprehendeu o que acabamos de dizer, esta resposta é preemptoria.»

Não parecerá preemptoria aos vinhateiros que se afadigam tanto para serem-se reduzidos a vender seu vinho por dous ou tres soldos a garrafa, quando o do vizinho ao lado vale de seis a oito francos. Prova, pelo contrario, que o mesmo trabalho produz resultados absolutamente differentes segundo, a qualidade dos agentes naturaes, aos quaes é applicado. Não serão absolutamente independentes da industria do homem as circumstancias physicas que produzem o vinho valendo tres soldos a garrafa ou do que vale seis francos? Existindo tal differença entre a valor dos productos,

não se pôde dizer que a utilidade do solo, causa dessa differença, não tem valor.

Verdade é que o Sr. de Fontenay pretende que o alto preço do Clos-Vougeot é a remuneração do trabalho infructifero que se applica aos outros terrenos. Mas, para que esta these fosse justa, seria preciso que todos os proprietarios se aproveitassem. Ora, o Clos-Vougeot tem um proprietario particular, e a elle só aproveita a utilidade inherente á feliz situação dessa encosta.

Na alta remuneração que o comprador dá ao seu producto, não inclue evidentemente os esforços infructiferos dos outros trabalhadores. Não se lhe dá disso. O Clos-Vougeot é um vinho que prova seus desejos e é encontrado em quantidade limitada no mercado. O proprietario eleva o seu preço, não pelo custo da produção dos outros vinhateiros, mas pelas offeras que lhe são feitas, a intensidade das necessidades dos consumidores. Não se pôde separar a utilidade do agente natural do serviço que permite ao homem prestar.

Vamos mais longe. Eis um homem corajoso, trabalhador infatigavel, cerebro pouco desenvolvido. applica-se obstinadamente, entretanto torna-se medico, advogado, artista, mediocre. Seu producto nunca tem sinão um valor banal.

Eis outro homem: dotado com felizes aptidões, com menos trabalho, ou com igual trabalho, fornece productos de qualidade superior, pelo menos em relação ao gosto dos consumidores. Suas qualidades cerebraes foram-lhe dadas por um privilegio de nascimento, ao qual elle foi completamente estranho. Entretanto sua utilidade tem valor inconcusso!

Para que um agente natural tenha valor, são precisas duas condições:

1ª, que seja possuido por um ser humano;

2ª, que outro ser humano experimente necessidade de usal-o.

O ar, em meio de regiões desertas, não tem valor. Em uma cidade, cada proprietario de casa possui uma quantidade de ar; e essa porção de ar tem tal valor que as leis e os regulamentos interveem para garantil-o.

A electricidade espalhada na atmosfera não tem valor; mas um homem constroe uma pilha, desprende electricidade, e si tenho necessidade dessa electricidade, elle m'a cede pelo preço x . Esta electricidade tem pois um valor.

Smith faz a distincção entre o valor de utilidade e o valor de permuta «porque, diz elle, os agentes naturaes mais indispensaveis á vida, como o calor do sol, o ar, a agua, são uteis e não teem valor».

Foi pelo mesmo motivo que Bastiat pretendeu que a utilidade inherente aos agentes naturaes não tinha valor.

Estes dous erros proveem de um defeito de observação.

Smith e Bastiat, passeiando pelo campo, viram o sol, que não lhes era disputado: Smith deveria saber que os inglezes pagam por suas viagens a Nice, a Pau, a Roma, etc., o sol que não teem em Inglaterra. Bastiat deveria saber que si o Medoc tivesse o sol de Londres, não produziria os vinhos que fazem sua fortuna e que alguns hectares de sua terra não valeriam milhões!

A agua? Pensam que não tem valor. Entretanto, a questão da agua ainda não se acha resolvida para as principaes cidades da Europa. Ha falta.

Lendo a Biblia, como não notaram que a questão da agua surgia a todo o momento? Donde provem a celebridade da Mecca? Do afamado poço de Zamzam, do poço de Ismael. Em todas as legendas arabes, nas recordações das velhas inimidades entre as tribus, apparece sempre, e a miudo, a questão da agua. A importancia da posse é proporcional á raridade e á utilidade. (10)

Todo o agente natural, toda a força natural possuida por um homem e que outro homem a julgue util para si, tem um valor.

Um homem guarda uma mecha de cabelos da mulher que muito amou, e diz: «Esta lembrança tem para mim grande valor».

(6) Cours d'économie politique, t. I, cap. III.
(7) Dictionnaire d'économie politique.
(8) Principe de la science sociale, t. I, pag. 177.

(9) Du revenu foncier, pag. 257.

(10) Vid. «Histoire des prolétaires», por Yves Guyot e Sigismund Lacroix, t. 4, pag. 841.

Tem razão acerescentando «para mim». Melhor diria «tem grande utilidade»; porquanto na realidade essa lembrança é desprovida de valor, si não houver quem experimente necessidade de possuil-a.

O Sr. de Molinari não tem razão quando diz: «O valor existe independentemente da permuta; a permuta o manifesta sem creal-o». Não; a utilidade existe independentemente da permuta; o valor é apenas uma relação entre possuidores de utilidade. Deve-se, pois, definir o valor: a relação entre a utilidade possuida por um individuo e a necessidade de outro individuo. (11)

YVES GUYOT.

(Continua)

O Jornalismo

Sobre o passado e o futuro do jornalismo, escreve Eugenio Dubiel o seguinte artigo na *Revue Bleue*:

«O jornalismo convertido em uma potencia tão formidavel e em uma das rodas mais esportosas da civilização data apenas de 300 annos.

O seu nascimento é obscuro, o seu crescimento difficil. Quando elle tomou posse das suas forças, que indomavel vitalidade, que caminhar avante perpetuo!

Que diriam, na aurora do seculo setimo, deante das primeiras gazetas impressas, os *diurnali* da antiga Roma encarregados por conta do grande pontifice de traçar sobre a pedra os actos que interessavam ao culto ou à cidade, e mais tarde, por conta do governo republicano ou imperial, de publicar nas encruzilhadas, sobre os porticos, nas lojas dos barbeiros, por meio dos pequenos cartazes manuscritos, os factos officiaes, o nome dos consules e de outros magistrados, a acta das assembleas do povo e do Senado, e sendo preciso certos boatos da cidade? que diriam os nossos contistas, os nossos trovadores, os nossos chronistas da idade média, os nossos pamphletarios e os nossos polemistas do seculo dezeseis?

Não teriam pensado do jornal, deste maravilhoso instrumento de vulgarização e de propaganda, um Rebelais, um Luther, um Erasmo, tantos outros que quizeram exercer uma acção sobre o espirito publico, e que se poderiam chamar jornalistas sem jornal, jornalheiro antes de haver jornalismo?

O que diria hoje, diante da «Independencia Belgica» por exemplo, esse Abraham Verhoven, que foi o primeiro que em 1605, em Auvers, imaginou dar em cada semana com o mesmo titulo, e com uma «numeração» seguida «todas as noticias recentes» (Alle niewe Tydingen), que até então os impressores da Alemanha, da Italia e principalmente da França, editavam de tempos em tempos, em cartazes separados, conhecidos em «canards», e com mais ou menos desenhos, de titulos mais ou menos sonoros? O que diria em grandes folhas parisienses esse bom, esse original, esse fluctuante e vario Theophraste Pinaudot, pai dos jornalistas francezes, esse «medico sapientissimo em mais de um genero», grande intrigante, grande homem de bem, esse diga-o tudo do seu tempo, cheio de inspirações dignas do nosso, esse Figaro de antes de Beaumarchais, caminhando sempre, mexendo-se, marcando a penna, perguntando do que se tratava e querendo sempre novidades:— creador do escriptorio de informações; importador dos monte pios; inventor das consultas gratuitas, em «Pequenos cartazes»; fundador, em 1631 da «Gazeta de França»; finalmente em 1635 pela estenção dos «extraordinarios» da «Gazeta» pelo ensaio de commentarios, «sobre as noticias recebidas durante o mez-iniciador do jornal em «supplementos», ante passado das revistas periodicas do mundo inteiro?

Muito orgulhoso, e com razão, do seu «innocente invento», obtivera do seu compatriota Richelieu um privilegio — exclusivo e perpetuo — de impressão.

Auxiliado pelo seus dous filhos, fez durar o perpetuo um quarto de seculo. Mas que! dous annos depois da sua morte, apesar dos esfor-

cos dos seus filhos, o monopolio é vencido; funda-se o *Jornal dos Sabios*, (1655) depois o *Mercurio Galante* (1673); e logo depois começa o jornalismo a invadir todos os dominios, commercio, medicina, bellas artes, industria, economia politica, legislação, philosophia e sobre tudo litteratura.

Bayle podia já dizer em 1730 nas «Noticias da Republica das letras»: «O numero das poesias que se publicam por toda a Europa é prodigioso».

Este mesmo Bayle o que diria então, só da França, um seculo depois, no dia seguinte aos acontecimentos de Julho?

O jornalismo acaba de fazer uma revolução, e em aproveitar-se della.

Aproveita tambem da prodigiosa renovação litteraria e philosophica de 1830. E' pelo talento, a epocha mais brilhante da imprensa franceza, é a epocha em que os Thiers, os Guizot, os Remusat passam successivamente do jornalismo ao poder, e do poder ao jornalismo; em que as Mignet, os Henri Martin se tornam historiadores e professores; em que, finalmente, um homem de espirito diz:

«O jornalismo leva a tudo, com a condição de se sahir delle.»

Ao mesmo tempo, uma revolução se prepara na propria imprensa. O director do «*Siccle*,» Basace, e o da «*Peresse*,» Emilio de Girardin, fizeram um e outro o mesmo calculo. Si se tirar, pensaram elles, um maior numero de exemplares, as despezas geraes ficarão sensivelmente as mesmas, e por consequente o preço de cada numero menos elevado; com maior tiragem ter-se-hia mais annuncios, e estes seriam pagos mais caro d'onde para ganhar mais, basta baixar o preço do jornal e dirigirem-se a uma classe maior de leitores,

Por um lado, para attrahir as pessoas menos letradas, as «porteiiras,» como dizem os maliciosos, publicariam romances ás talladas, romances em folhetim; iriam mesmo até dar a Alexandre Dumas sessenta centimos por linha sem exceptuar as linhas do dialogo, os oh! os ah! os Cabaque! os Ventre Saint Gris! e as linhas de pontos suspensivos.

Por outro lado pediriam aos annuncios o supplemento das receitas necessario.

— Aos annuncios compete pagar o jornal, dizia Girardin.

O preço ordinario da assignatura era então de seis francos; Girardin baixou até 40 francos, e a pouco e pouco a maior parte dos outros jornaes tiveram de o seguir.

Para fallar as turbas era necessario usar uma linguagem mais brutal. Assim pensavam os do lado contrario. Deste numero foi Carrel. Tomou parte nas polemicas travadas, e houve entre este e Girardin uma troca de palavras agri-doces, resultou dahi um duello entre todos celebre. Girardin foi ferido ligeiramente no braço. Carrel recebeu uma bala no baixo ventre e morreu tres dias depois, em consequencia da ferida. Deante de uma tal desgraça, que privava o jornalismo de um dos seus mais bellos talentos e de um dos seus mais bellos caracteres, Girardin fez o juramento, que cumpriu durante cincoenta annos, de não ter outro duello de imprensa.

Si lembramos este, é que na realidade parece ser mais do que um incidente ou accidente; parece ver nelle um signal do tempo, uma especie de symbolo; não eram só dous jornalistas que se batiam, era o antigo e o novo jornalismo que estavam na lucta; o novo matou o antigo.

O jornalismo outr'ora era um monte de propaganda, uma arma de combate; o jornalismo de hoje tornou-se ao mesmo tempo uma industria: — e teve por consequencia de se unir para isso.

E que ornamento maravilhoso o do jornalismo! Pensaram já nisso, por ventura, quando abrindo o vosso jornal ás 8 da manhã, alli encontram a descrição de tudo que se passou na terra, de tudo que se fez, de tudo que se disse no mundo inteiro?

Pensaram já nas machinas que é necessario inventar na rapidez do seu jogo, na sua admiravel precisão? O jornalismo que propaga hoje nos centros mais humildes as mil e uma maravilhas da sciencia, explora-as todas

para vosso uso, machina, vapor, electricidade, photographia instantanea, photo-gravura, telephonia, typochromia, chromo-lithographia, etc. Todas as descobertas que transformaram as artes, a industria, o commercio, embellezando a existencia, dependem mais ou menos della, todas são suas tributarias, e as põe todas ao vosso servico.

E para vós que nuvens de reporters, de nariz para o ar, lapis na mão, percorrem incessantemente as ruas de Paris, batem a todas as portas, visitam todos os grandes ou pequenos personagens, fazem da indiscreção virtude; é por vós que outros, não menos curiosos, e mais heroicos, percorrem o mundo em todos os sentidos, servem os exercitos, descobrem as origens do mal, expõem-se ao cholera e à peste. E' por vós que aquecem as locomotivas, que os despachos percorrem os fios, que os stenographos animam o papel, que os telephones se installam de cidade em cidade.

O anno passado, no mez de julho, uma subita revolução rebentou em Buenos-Ayres: um antigo redactor do *Times*, que se achava lá, não hesitou em dirigir a esse jornal, por sua propria iniciativa, dous telegrammas, sommando os dous a bagatella de 36,000 francos, que o *Times* pagou agradecendo. Francos 36.000 só para essa noticia! Calculem, se podem, o que despense por dia e por anno, a multidão de jornaes da Europa, da Asia, da America.

Calculem tambem o que elles devoram de papel e tinta. Ha tal numero do *Petit Journal* cujos exemplares, postos uns aos lados dos outros, fariam aos vossos pés um tapete duplo, desde Paris até Marsella. Cada face da torre lateral, do chão a plataforma superior, é uma especie de trapezo gondola, occupando no espaço area parecida com quinze mil metros quadrados, pois o mesmo numero do *Petit Journal* teria pedido cobrir 10 vezes as quatro faces da torre.

Um inquerito foi recentemente feito sobre a producção do papel no mundo civilizado. Estabelece, *grossa modo*, que quatro mil manufacturas nelle fabricam por anno 960 milhões, de kilos. Desses 960 milhões, cerca de metade é para livros, brochuras, circulares commerciaes; e 300 milhões para jornaes. O consumo para os jornaes augmentou num terço dez annos; tende constantemente a crescer. Imaginemos que ella fica estacionaria. Cerca de 300,000 toneladas por anno, 822,000 kilos por dia, representam, a razão de 50 francos por 100 kilos, 150 milhões de francos o minimo.

Imaginem agora o preço de cada machina de imprimir varia entre 6,000 a 50,000 francos; que é necessario, pelo menos uma por cada jornal, ás vezes dez, vinte, trinta; que ha no mundo perto de cem mil jornaes; que a maior parte dessas machinas são actuaes por motores a vapor e a gaz; que outras machinas ainda são empregadas para dobrar e cortar folhas; que outras machinas substituirão em breve os compositores; que para accommodar tudo isto são necessarios enormes espaços, casas principescas; que cada numero do *Times* ou do *Daily News* tem 8, 10, 12 paginas, e certos numeros do *New-York Herald* trinta e duas; que por toda a parte, o numero de folhas publicas augmentam sem cessar, e digam se não é para nos maravilhosos diante desse machinismo colossal que assim lança fora todos os dias milhões e milhões de exemplares.

Deante de uma tal publicidade, as cem boccas e as tres trombetadas da Fama não passariam de boccas mudas e de trombetas sacadas.

«Fama» hoje é uma palavra velha fora de uso; diz-se *reportage*. Não ha segredo para os reporters. Tudo se inclina deante delles, tudo se curva aos seus desejos, contribue para a sua obra. A sua febre é a saude normal de jornalismo.

Mas *tout lussé, tout passé*, tudo se transforma. Como os typographos tiveram a sua arte modificada pelo mecanismo, a profissão de reporter será deitada a terra pelas sciencias novas. Depois dos patachos a locomotiva; depois do gaz o arco voltaico. Os jornaes com te-

grammas não passará de uma recordação. Venham os phonographos! venham os telephones.

Já o telephone presta mil serviços. O redactor-chefe serve-se delle para receber informações ou dar ordens, para conversar com os seus collaboradores. A Agencia Havas e a agencia Debziel enviam os jornaes de Reims, de Rouen, do Havre, correspondencias telephónicas. Em breve sera de Pariz a Bordéas, de Marselha e Birmingham. O Sena, o Danubio, o Gangas conversarão como bons vizinhos.

Já tambem (e será verdade?) annunciam que Edison voltou engrandecendo-a, a uma idéa já ensaiada em França, a idéa do *jornal fallado*. Os surdos terão talvez objecções a fazer a isso, mas os cegos cantarão acções de graças.

Cada assignante, posto em comunicação por meio de um fio, com o seu jornal, não terá mais do que pegar no ouvidor e escutar. Não só terá as ultimas noticias collidas, mas ouvirá, com ou sem commentarios, o sermão do pregador, a nova opera, o discurso do ministro; saberá mesmo, no dado momento, quando reberntaram os applausos ou os murmúrios: e o orador fica impossibilitado de retocar o que está stenographado.

Uma tarrafa invisivel de conductores electricos involverá o globo. Por elles, de toda a parte, affluirão noticias ao gabinete do jornalista, como por outros tantos filetes nervosos; outros filetes nervosos as transmittirão no mesmo instante á casa de todos os assignantes ou as armazenarão no seu phonographo.

Depois, quem sabe? tendo os nosso netos encontrado finalmente a arte de «ver a distancia» a imagem, os gestos, o jogo dos actores, das atrizes, dos personagens celebres, seguirão o mesmo caminho que tiver transmittido os seus actos e palavras.

Mediante uma assignatura minima, o cidadão do seculo vinte poderá evocar deante delle, á sua vontade, um diorama vivo do universo e estar incessantemente em communhão com o genero humano. Nenhum proprietario do nosso tempo sabe hoje tão bem o que se passa nas suas terras.

O velocipede

O velocipede é um dos artefactos mais modernos de gymnastica ambulatoria e que ha trazido ao homem civilizado uma nova alegria e um novo instrumento de saude.

Excepção feita daquelles que soffrem do coração ou tem doencas organicas do aparelho respiratorio, todas as outras colliem grande vantagem do exercicio do velocipede.

E, pois, para todos que tem tido uma vida muito molle ou de todo sedentaria; para os nervosos e aquelles que tem os pulmões saos, porém fracos, o velocipede não é sómente uma gymnastica salutar, mas é medicina soberana.

A primeira vantagem do velocipedismo é fazer-se sempre ar livre, e mudal-o a cada gyro de roda.

Ao vermos o velocipedista montado em seu cavallo de aço, invejamos-o por ser tão ligeiro o vehiculo em que elle assenta, que nos parece um homem transformado em passaro; e quando depois se põe em movimento e deixa ficar atraz, na sua corrida vertiginosa, os bipedes que transitam a pé ou a carro, então interrogamo-nos estupefactos, porque o homem demorou até ao seculo XIX a invenção de um meio de transporte tão elegante quanto economico e ligeiro?

Quando vê-se elevarem-se e abaixarem-se alternativamente as pernas do velocipedista, pensa-se que as extremidades inferiores executam um labor excessivo, enquanto que todo o resto do corpo conserva-se em repouso; mas não é assim, o desequilibrio é simplesmente apparente.

Tambem os musculos do tronco trabalham, para manter o corpo em perfeito equilibrio; e si o terreno é desigual, os musculos do pescoço e da cabeça tomam igualmente parte activa no exercicio do velocipedista.

Os braços de quem assenta-se em um bicyclo estão em constante actividade, e as

mãos devendo estar muito distante s uma da outra, obrigam os musculos dos membros superiores a uma continua actividade, promovendo o trabalho respiratorio.

Na Allemanha tem-se medido a capacidade respiratoria antes e depois do exercicio do velocipedista, e em poucos mezes se ha verificado um singular augmento no volume de ar introduzido no peito.

E vós, que me prestaes attenção, sabei desde já que cousa quer dizer introduzir maior quantidade de ar no peito.

Quer dizer oxygenar melhor o sangue; quer dizer purificar-o dos mil excrementos que o conspucram; quer dizer dar aos musculos, ás visceras, aos nervos, ao cerebro um liquido que os mantenha saos e dispostos, e exercitar-lhes do modo melhor todas as suas funcções; quer dizer, finalmente defender-nos da tuberculose, esta epidemia perenne, que dizima a Europa.

No exercicio do velocipede tem-se uma outra vantagem.

Devendo levantar muito as coixas, chegamos a fazer, mesmo sem proposito, uma pressão no ventre; e d'ahi resulta evitar-se a circulação do ventre e dos movimentos intestinaes.

E assim combate-se indirectamente a constipação do ventre, previnem-se as hemorroidas ou por ventura curam-se estas.

Com o velocipede tem-se uma ligeira transpiração, porem raramente se sua muito. Tambem o pulso não accelera-se ou somente pouco; e o mesmo dá-se quanto á frequencia da respiração.

Tem-se, pois, um exercicio mod rado que apresenta todos os requisitos que exige a mais meticulousa hygiene.

Do respirar activamente um ar puro, do exercicio salubre de todos os musculos do corpo nasce um perfeito equilibrio de todas as funcções victaes; e não é portanto para admirar si o velocipedista tem sempre bom appetite, dorme bem e é de bom humor.

Um medico allemão que escreveu nestes ultimos tempos com muita doutrina sobre a hygiene do velocipede, conta ter visto curar com este meio doentes muito graves de nevrosismo.

Entre outros, cita um tal que não podia frequentar um circulo em que estivessem mais de dez pessoas, sem sobrevirem vertigens; um outro que chorava, vendo a luz muito viva de um candelabro; e um terceiro por fim, que não podia ler tres paginas de um livro sem ficar extremamente fatigado.

Socialismo agrario

Tem toda a oportunidade conhecer-se a doutrina de uma nova escola economica, que affirmada e desenvolvida nos Estados-Unidos, reflectida em Inglaterra, estudada e apreciada em outros pontos da Europa pelos economistas e pelos sociologos, começa a definir-se e a accentuar-se mais amplamente no velho mundo ecoincidindo esta nova phase de desenvolvimento com um movimento, que se generalisa na Europa, da defesa dos interesses agricolas, collocados na sua verdadeira altura de problema, cuja solução se impõe como salvadora para o engrandecimento e prosperidade dos povos.

Reportando-nos a um excellente artigo de uma considerada folha europea, vamos dar circunstanciada noticia da nova escola, que é ja conhecida pelo nome do *Socialismo agrario*.

I

Apparece na Europa um novo socialismo—O socialismo agrario, o seu lemma é a nacionalisação da terra.

O estado unico e exclusivo senhor territorial.

Theoria e aspirações não são novas.

Tem já nos Estados Unidos a sua traducção positiva e pratica, na existencia de uma escola e um partido que na ultima eleição presidencial lutou por um candidato contra a candidatura de Harrisson.

E dadas as continuas e estreitas relações, que existem entre aquelle paiz e os povos do velho continente, claro é que do novo socia-

lismo, alli desenvolvido já em tão larga escala não podia deixar de vir á Europa o seu completo conhecimento, sobretudo tendo-se propagado na America por meio do livro e do periodico.

Além disso, a sua propaganda estendeu-se a Inglaterra, principalmente a Irlanda, paiz onde toda a doutrina sobre a terra e sobre a sua organização alcança sempre caracter e attractivos de actualidade.

Conquistou o socialismo agrario muitos e valiosos sectarios sendo acolhido e pregado em livros e folhetos,

Mas tudo o que se refere a tal assumpto não tinha passado da esphera scientifica, a aspiração não se tinha manifestado e as especulações da escola não se haviam convertido nas actividades e nas impaciencias do partido.

O socialismo agrario era na Europa uma theoria economica accrescentada ás muitas que discutem e analysam os sabios.

Era um simples echo de alguma cousa que succedia nos Estados Unidos, onde tantas cousas succedem e que aqui, os povos e os estadistas contemplam no mais doce e despreocupado dos repousos.

Agora o novo socialismo está promovendo a sua verdadeira apparição na Europa.

A Exposição Universal de Paris attrahiu-o e nella vae inaugurar a sua propaganda activa, a sua popularisação, a sua luta como principio social que pede e quer introduzir-se nas veias e arterias da sociedade actual.

Esse principio simplifica o do socialismo collectivo e ha de facilitar a sua comprehensão e applicação.

Dirige-se contra uma unica especie de propriedade, é isto que reduz o numero dos seus inimigos, ha de attenuar tambem a rudeza da luta.

E', no seu fundo, revolucionario, mas procura o modo de realisar-se com processos, até certo ponto commodos e pacificos, que podem tornar-o muito aceitavel para as classes, para os partidos e para os governos.

A todos respeitos vale, portanto, a pena attentar neste assumpto, já para se disporem contra elle os que o considerem perigoso, já para que o estudem, visto que como ponta da sciencia economica e financeira se apresenta, aquelles que nelle encontrem ou esperem encontrar alguma solução.

As ligas operarias têm nesta nova escola bastante e bem verdadeiro motivo de preoccupação. E' este o momento de se sobrestarem deveras. Agora podem aproveitar o seu tempo, a sua actividade a eloquencia e o saber dos seus membros illustres.

Esta é a verdadeira batalha que mais tarde ou mais cedo se deverá ferir e para a qual devem guardar como armas poderosas, a invocação dos seus direitos e o emprego de todas as suas forças.

Veio á Europa, á Exposição de Pariz, pregar o socialismo agrario, o seu creador apostolo:—Henry George chefe do «Partido do trabalho» nos Estados Unidos.

Em 10 de junho, devia realisar-se no hotel Continental de Pariz a primeira sessão do Congresso Agrario, que reuniu sob a presidencia de Mr. Henry George, autor da obra «Progresso e Miséria» e a quem reconhece igualmente por chefe a escola agraria formada em Inglaterra por grande numero de sabios tratadistas.

A ordem do dia seria—«a nacionalisação da terra».

Assistiriam á discussão economistas e sociologos da America, Inglaterra, Belgica, Allemanha e Hollanda.

Já indicámos que o movimento social, que a nova doutrina se propõe a impulsionar, não tem politicamente e quasi mesmo sob o ponto de vista economico, nada que ver com os partidos socialistas belligerantes.

Diga mos agora alguma cousa sobre o fundador da escola agraria. Henry George é oriundo de uma familia irlandeza.

Nasceu em Philadelphia e tem cincoenta annos.

E' filho das suas obras, pois nos primeiro annos da sua mocidade, esse homem que hoje

conta na sua patria mais de um milhão de adeptos, foi typographo, modesta posição pela qual passou a jornalista, chegando mais tarde a figurar como politico e economista.

Em 1869 publicou o jornal «The Post,» em S. Francisco da California, em cujas columnas formulou a sua doutrina sobre a nacionalisação da terra.

Em 1872 foi eleito representante na Convenção de Baltimore.

Em 1879 publicou a sua obra «Progress and Poverty» que obteve na America extraordinario exito. Esta obra fez de M. George o chefe de um partido forte e entusiasta, que tomou o nome de «Partido do Trabalho» («Labor party»).

II

Resta examinar rapidamente os principios que deffende e sustenta a escola de M. Henry George.

O *Labor Party* proclama que os progressos industriaes teem apenas conseguido augmentar o abysmo que separa o pobre do rico e d'ali conclue ser necessario nacionalisar a propriedade territorial.

Nisso se distingue o nosso partido do partido dos collectivistas que quer a nacionalisação de toda a propriedade sem excepção entre a do solo e a das construcções urbanas. M. Henry George sustenta que existe uma differença radical entre a propriedade territorial e a mobiliaria. Esta — a seu ver, — tem uma base natural e uma sanção de que carece aquella.

Affirmar a propriedade da terra é negar a dos productos do trabalho e isso vale tanto como perpetuar a escravidão e o pauperismo das classes operarias.

M. George é partidario da nacionalisação do solo por meio da sua compra pelo estado.

Seguida a sua theoria: — «não se deve indemnisação alguma aos que iniquamente abusaram de um monopolio. Tambem não quer que a terra fique directamente collocada nas mãos do estado: — deixa a terra em poder dos proprietarios, com a faculdade de alienar como hoje succede.

Bem podemos, diz, deixar-lhes a casca, conservando o miolo. E' inutil confiscar a terra, basta confiscar a renda. Como? Unificando o imposto, pedindo-o todo á terra por meio de uma simples troca na taxação. Por esta fórma o Estado poderá vir a ser o proprietario universal, sem que tenha de chamar-se assim, e sem que assumia nenhuma função nova.

Na fórma, a propriedade territorial fica como actualmente está. Nenhum possuidor de terra será expropriado. Não haverá necessidade de por limite á porção de terreno que cada qual possa possuir. A terra, seja qual for o nome em que seja possuida e qualquer que seja a sua divisão, será realmente uma propriedade commum, e cada membro da comunidade receberá uma parte do que ella produz.

Tal é, resumidamente, a principal theoria do novo socialismo, que, como se vê, e em outro artigo dissemos, adopta a fórmula de um problema economico, que se alheia á politica dos partidos e se extrema completamente das theorias até aqui sustentadas pelos socialistas beligerantes.

Tem nma preocupação scientifica, e parece collocar-a acima de todas as paixões e de todos os interesses.

Mr. Henry George chegou a Paris depois de haver visitado a Inglaterra, onde se demorou algum tempo.

Alli encontrou completa adhesão á sua escola em M. Russel Wallace, o sabio e illustre escriptor tão conhecido no mundo scientifico pelo seu antagonismo com M. Darwin nos estudos das especies. M. Russel Wallace diverge, porem, do propagandista americano na questão de indemnisação aos proprietarios.

Na Alemanha, o *socialismo agrario* é evangelisado por M. Furchheim, um rico industrial retirado.

Na Belgica propagam-no os discipulos de Colins, na Hollanda o notavel publicista Stoffel, em França grande numero de politicos e escriptores vantajosamente conhecidos pelos seus trabalhos economicos.

E eis como a nova doutrina socialista faz a sua diffinição solemne na Europa.

A civilização antiga

(LOUIS MÉNARD)

(Continuado do n. 4)

CONDIÇÕES FAVORÁVEIS AO DESENVOLVIMENTO DAS SOCIEDADES — Quanto mais se remonta ao passado na historia das sociedades humanas, tanto mais se as encontra submettidas ás influencias do mundo exterior. O trabalho da civilização consiste em libertar-se de tal influencia; é natural, pois, que se tenha desenvolvido mais depressa nas condições que tornam esse trabalho mais facil. A primeira dessas condições é um clima igual e temperado. As sociedades primitivas não puderam nascer e progredir nos desertos da areia, nem tão pouco nas florestas tropicaes e ainda menos nas planicies cobertas de neve, nas montanhas em que o solo é revolvido por constantes tempestades. As regiões médias, bem abrigadas e bem banhadas, onde se encontram em estado nativo as plantas alimenticias e as raças de animaes facies domesticar, são as mais apropriadas ao desenvolvimento de uma sociedade nascente. Essas condições favoráveis encontram-se no Egypto, na Chaldéa, na India superior, na China e são com effeito os paizes em que a tradição colloca a sede das mais antigas sociedades civilizadas.

O solo e o clima fornecem á cada sociedade condições peculiares de existencia que actuaem mais ou menos directamente sobre a arte e a industria, sobre a religião e os costumes. Um paiz que offerece aos rebanhos abundantes pastagens, como os planaltos da alta Asia, torna-se a sede de uma sociedade pastoral; em uma terra fecunda, facil de cultivar, como os valles do Nilo e do Euphrates estabelece-se uma população agricola; sobre uma costa maritima como a Phenicia desenvolve-se um povo commerciante. A essa diversidade de aptidões em relação com as condições territoriaes correspondem differenças na religião, na vida social e na arte. A poesia e musica são as unicas fórmas da arte que podem existir entre pastores nomades como os antigos Aryas, os Hebreus e os Arabes. Um povo commerciante e navegador como os Phenicios devia dedicar-se principalmente ás artes domesticas; uma população sedentaria como os Egyptios devia cultivar cedo a architectura, a pintura e a escultura.

A VIDA PASTORIL E NOMADE. — Depois da caça que corresponde ao estado selvagem, a criação de rebanhos é a fórma mais simples do trabalho. A vida pastoril representa a infancia das sociedades e devia existir no começo de todas as civilizações. Encontra-se o quadro della no Genesis e no Rig Veda, dous livros antiquissimos, pertencentes, um á raça semitica, outro á raça indo-europea, que são ramificações da raça branca. Os Aryas, como se chamavam os antepassados dos povos indo-europeus, differem dos Semitas pela religião e pelo idioma, isto é, pela maneira de conceber as idéas geraes e de exprimi-las. Mas ao lado dessas differenças, ha traços communs que são inherentes ao estado patriarchal. Os povos pastores são necessariamente nomades. Não possuindo moradas fixas, não teem nem architectura nem industria. Apenas teem necessidade de tecidos para fazerem vestes e tendas, quando não se contentam com pelles de animaes. O laço social reduz-se para elles a familia que é a molecula de toda sociedade. A autoridade do patriarcha ou pae de familia sobre as suas mulheres e filhos é absoluta e incontestada porque é necessaria. Todos lhe obedecem porque elle os protege; não ha nem direitos nem deveres, mas um laço mutuo de reconhecimento e afeição que restringe a moral á obediencia e o principio da lei á autoridade. Si as familias se agrupam em tribus e as tribus em nação, a autoridade do patriarcha serve de modelo á autoridade real. Esses povos sempre menores não conhecem outra fórma social além da monarchia. A sua vida é uma eterna infancia; os arabes do deserto são hoje o que eram os seus antepassados, os patriarchas biblicos: nada está mudado; nada ha de mais além do cavallo e as armas de fogo.

A AGRICULTURA, A INDUSTRIA E A ARTE — Quando o trabalho da terra obriga as tribus nomades a estabelecerem-se em moradas fixas, começa a verdadeira civilização; assim é que os gregos davam a Demeter, a grande deusa da agricultura, o cognome de Thesmophora, isto é, legisladora. Com a agricultura se desenvolvem os diversos ramos de industria, o trabalho dos metaes, a fabricação dos tecidos, a architectura e as artes correlativas. As tribus approximadas por uma comunidade de origens, de tradições e de interesses, agrupam-se em estados e fundam cidades. Ao longo de alguns cursos de agua, o Nilo, o Tigre e o Euphrates, o Indos e o Ganges, o rio Azul e o rio Amarello, formaram-se os primeiros imperios, isolados por altas cadeias de montanhas ou vastos desertos. Mais tarde, em torno da bacia do Mediterraneo, desenvolveram-se as cidades commerciantes da Phenicia, depois as cidades republicanas da Grecia e da Italia, que representam o ponto culminante da civilização antiga. Quanto aos paizes que occupam hoje a primeira linha no mundo, estavam nessa época cobertos de espessas florestas e habitados por selvagens semelhantes aos Pelles Vermelhas da America.

Deve-se suppor que o apparecimento da arte tenha sido muito posterior ás primeiras tentativas da industria? Não creio. Desde a idade de pedra, quando os homens só possuam instrumentos de silex, serviam-se delles para traçar sobre fragmentos de osso figuras de animaes. Em terrenos contemporaneos de raças desaparecidas, tem-se encontrado ingenuas imagens, mas que se reconhecem bem, de rennas e de elephantes representados sobre os ossos desses animaes que então habitavam o solo da França. Ha no Museu Botânico, no Museu de Cluny e no Museu de S. Germano specimens dessa escultura primitiva. São obras de uma raça de homens anterior á chegada dos Keltas á Europa. Nada sabemos da sua religião nem da sua lingua: a sua industria limitava-se a quebrar seixos e já tinham uma arte.

Não ha tribu selvagem que não possua alguns idolos grosseiramente tallados. As mulheres fazem para si collares de grãos ou de conchas e poem pennas nos cabellos, os homens tatuaem o rosto e o corpo pensando embellezarem-se: ha nisso uma intenção artistica. A linguagem, que é a mais antiga das obras de arte, existe em todas as raças humanas, sem excepção. Em toda parte ha cantos rithmados, instrumentos mais ou menos grosseiros para acompanhar a voz, dansas guerreiras e dansas sagradas. Em toda parte onde existem homens, a arte existe sob uma fórma ou sob outra. Corresponde a uma faculdade da alma humana, a aspiração para o bello, tão natural como a procura do util, do verdadeiro e do justo. Os gregos designavam pela mesma palavra a arte e a industria e tinham razão: um operario habil é um artista, uma industria que busca a perfeição do trabalho é uma arte.

(Continua.)

Carabina Kropatschek

Damos aqui os pontos principaes do parecer da 1ª secção, ácerca das causas, que motivaram o arrebetamento dos canos de quatro das carabinas do systema Kropatschek, que constituem o armamento portatil de fogo da nossa armada.

Os canos das carabinas Kropatschek, de 8^{mm} de calibre e modelo portuguez, soffreram o arrebetamento perto da bocca, emquanto os soldados navaes faziam fogo de salvas com cartuchos desembalados.

Pelo chefe do estado maior da marinha, foram remettidas a esta commissão varias armas do mesmo typo regulamentar, para serem submettidas a diversas experiencias.

Como principios reguladores de suas investigações, convieram os membros da commissão technica militar em fixar-se nos dous seguintes factos susceptiveis de produzirem os estragos assignalados:

1.º a qualidade do metal empregado no cano;

2.º o uso de uma pólvora mais viva do que a apropriada ao calibre dessa arma.

Remetteu-se ao tenente-coronel Miguel Maria Girard, director da Fabrica de Polvora da Estrella, uma certa quantidade de cartuchos para a carabina Kropatschek, afim de estrahir dos mesmos a porção de pólvora, que fosse necessaria para uma analyse.

Esse official desempenhou-se, com todo cuidado e zelo, da commissão que lhe foi confiada, expondo, em seu officio de 10 de outubro as experiencias a que procedeu com a referida pólvora e quaes os resultados obtidos.

Pelo seu lado, a commissão technica occupou-se de investigar por si mesma a outra causa presumida do accidente.

No dia 5 de setembro dirigiu-se ella ao angulo do baluarte, denominado Cafófo, no Arsenal de Guerra, e alli fez executar com cada uma das seis carabinas Kropatschek, remetidas pela marinha, uma série de vinte tiros com cartuchos embalados.

Examinados cuidadosamente todos os canos, antes de encetar-se o fogo e após a descarga consecutiva do deposito do fuste e dos vinte tiros, nada de anormal apresentavam aquelles, nem na superficie interior, nem na exterior.

A inspecção das quatro armas damnificadas, submettidas tambem ao exame da commissão, mostrou que o arrebentamento dos canos operou-se sempre do meio para cima e, em tres delles, muito proximo da boca.

Esta observação despertou a idéa de haver sido causa determinante do facto assignalado a existencia, nessa parte do cano, de um corpo qualquer que se tivesse apposto fortemente á livre sahida dos gazes, produzidos pela deflagração da pólvora.

Tal supposição teve tambem em seu apoio a probabilidade de ser aquelle corpo um tarugo, conservado quiçá por descuido na boca do cano, na occasião do tiro.

E' facto comprovado pela experiencia, que em taes condições offende-se o cano das armas.

A commissão technica procurou elucidar completamente o caso.

submettendo ás provas necessarias as carabinas que vão em seguida enumeradas.

N. 405

1º Tiro, com tarugo de madeira frouxo e cartucho embalado.

2º Tiro, com tarugo nas mesmas condições e cartucho desembalado.

3º Tiro, com tarugo apertado e cartucho desembalado.

4º Tiro, o mesmo que o precedente. Depois do terceiro tiro parecia ter ficado o cano entumecido junto á massa do ponto de mira, não tendo augmentado, ao menos de modo sensivel, esse entumecimento, com o tiro seguinte.

N. 765

1º tiro, com tarugo de madeira apertado e cartucho desembalado.

2º tiro, como o precedente.

3º tiro, com o tarugo nas mesmas condições e o cartucho embalado.

O cano desta arma apresentava tambem, em ponto analogo á da outra, um entumecimento exterior, apenas perceptivel.

Os tarugos empregados eram de pinho branco e o exame limitou-se á parte exterior do cano.

Remettidas, porém, as mencionadas carabinas, para a fabrica de armas da Conceição, foram ali limpas e seus canos examinados interiormente, podendo-se verificar a existencia de alterações bem sensiveis.

O cano da carabina n. 405 apresentava na parte interior duas depressões paralelas pouco profundas e perpendiculares ao eixo, uma a 21^{mm} e outra a 45^{mm} da boca, correspondendo cada qual a uma elevação exterior quasi imperceptivel, denunciada sómente por meio de um compasso de precisão.

O cano da carabina n. 765 mostrava apenas uma depressão semelhante, a 18^{mm} da boca, em correspondencia tambem com uma elevação exterior apenas sensivel.

Taes depressões denunciaram que o metal do cano havia experimentado, nos pontos em

que ellas se deram, um violento esforço, parecendo corresponder aquellas justamente á base do tarugo empregado de cada vez nas experiencias mencionadas.

Procurando-se explicar esse facto, pareceu que deve ser elle attribuido a brusca compressão do ar e dos gazes da pólvora dentro da arma, os quaes encontrando resistencia á sua sahida e, portanto, soffrendo diminuição de volume, exerceriam poderosa pressão sobre as paredes da arma, até vencerem aquella resistencia.

Dahi concluiu-se que si maior tivesse sido o esforço opposto á passagem dos gazes, *verbi gratia* por tarugos muito pesados ou bastante apertados, o arrebentamento dos canos nos pontos referidos havia ter-se produzido com certeza.

Quiz a commissão fazer tambem essas experiencias, tanto mais que ouvira algumas informações particulares, denunciando o uzo extra-regulamentar de tarugos completamente metallicos.

Eis os resultados obtidos com as carabinas, que vão ainda numeradas.

N. 608

Tiro com cartucho desembalado e tarugo de bronze, de 41^{mm} de comprimento, pesando 30 grammas e introduzido sem grande esforço.

O cano fendeu-se em diferentes pontos, acerca de 40^{mm} da boca.

N. 370

Tiro com cartucho desembalado de madeira (pinho branco), de 41^{mm} de comprimento, pesando 12 grs. e fortemente adherente ao cano.

O cano apresentou acerca de 41^{mm} da boca uma fenda de 12^{mm} de extensão, com sensivel entumecimento exterior.

N. 898

Tiro com cartucho desembalado e tarugo de madeira, de 20^{mm} de comprimento pesando 10 grs.

Tomado o diametro exterior do cano, a 20^{mm} da boca, antes e depois do tiro, notou-se que depois deste augmentara o referido diametro, e que a esse ponto correspondia no interior uma depressão annular, semelhante ás observadas de outras vezes.

N. 830

Mesma experiencia e mesmos resultados da precedente.

Desejando a commissão firmar sua opinião decisiva sobre os dados os mais completos possiveis, resolveu submitter dous dos canos das carabinas Kropatschek á prova de fogo com cargas exaggeradas, como se uza nos bancos de prova, e bem assim fazer experimentar a resistencia que o metal dos canos offerceria á tracção, em appparelhos apropriados.

A primeira dessas experiencias realisou-se tambem no Arsenal de Guerra, tendo-se mandado para esse fim construir, na fabrica de armas da Conceição, uma culatra resistente, que pôde ser facilmente atarrachada a cada cano, havendo-se previamente aberto neste um ouvido, para communicar fogo á carga.

Os canos submettidos á experiencia pertenciam ás carabinas ns. 405 e 765, com que se havia atirado da primeira vez, que se observou os effeitos do tarugo conservado na boca da arma.

Com o cano de n. 405 fez-se os seguintes tiros:

1.º Carga dupla (9 gr.) e bala regulamentar.

2.º Carga como a precedente e bala de um comprimento e meio.

3.º Carga tripla (13 gr. 5) e comprimento da bala como o precedente.

4.º Mesma carga e bala de dous comprimentos.

A pólvora empregada nos dous primeiros tiros foi a da munição Kropatschek, e nos dous outros a nossa pólvora regulamentar F. R.

Com o cano de n. 765 fez-se dous tiros, ambos com carga tripla, bala de dous comprimentos e pólvora F. R.

Os canos resistiram ás provas mencionadas sem experimentarem qualquer deformação.

Esse resultado era por si só sufficiente para poder-se affirmar, sem receio de contestação, que o metal dos canos das carabinas Kropatschek tem mais que a necessaria resistencia e espessura para supportar, em condições normaes de tiro, as pressões desenvolvidas pelos gazes da pólvora, que se emprega nessas armas.

Para chegar a uma conclusão mais segura ainda, restava effectuar-se a prova da resistencia do metal á tracção, que foi possivel executar com os appparelhos mecanicos de que dispõe a nossa Casa da Moeda.

A commissão technica militar teve para esse trabalho a mais preciosa conjuvação do sollicito a digno director daquelle estabelecimento, o Sr. Dr. Ennes de Souza.

Remetteu-se a 24 de setembro, para a Casa da Moeda, um dos canos, que tinham-se fendido no exercicio de fogo dos soldados navaes, como foi referido no principio deste relatorio.

Desse cano foram cortadas quatro pequenas barras de 10 centimetros de comprimento, e de secção transversal quadrada de 5^{mm} de lado, que collocadas cada uma por sua vez no appparelho apresentaram os seguintes resultados:

DESIGNAÇÃO DAS BARRAS	RESISTENCIA A RUPTURA POR MILIMETRO QUADRADO	ALONGAMENTO
N. 1.....	60k, 8	15 %
N. 2.....	61k, 6	17 %
N. 3.....	61k, 6	14 %
N. 4.....	61k, 0	18 %

Comquanto esta experiencia viesse demonstrar que a resistencia do metal á ruptura pela tracção se acha muito proxima do limite minimo indicado pelos autores, para a escolha do aço destinado aos canos das armas raiadas portateis do genero da Kropatschek, pôde-se comtudo aceitar como satisfactorios os resultados do quadro acima, attedendo-se a que o cano do qual foram cortadas as barras havia já soffrido pressões anormaes, quaes as que produziram primeiramente seu arrebentamento perto da boca.

No tocante as experiencias da pólvora, feitas na Fabrica da Estrella, recorra-se ao consciencioso relatorio, publicado em outro logar.

Delle se deduz que a pólvora empregada na munição Kropatschek não pôde ser qualificada como muito viva, porquanto em comparação com a nossa regulamentar F. R. ella é, ao ar livre, de uma combustão bastante lenta.

.....
Conclusões do parecer:

1.º, o cano da carabina Kropatschek está em condições de resistir perfeitamente aos tiros feitos em condições normaes, com cartuchame embalado ou desembalado;

2.º, a vista da precedente affirmação, deve-se concluir que sómente alguma causa anormal pôde produzir o arrebentamento dos canos;

3.º ora, pela posição observada das fendas, nas carabinas remettidas pelo chefe do estado-maior da armada, e pela comparação com identicos accidentes occorridos nas experiencias desta commissão, é plenamente admissivel a existencia de um corpo qualquer, provavelmente um tarugo, que collocado ou conservado na boca da arma, por occasião do tiro, se oppoz momentaneamente á sahida dos gazes provenientes da deflagração da pólvora;

4.º por conseguinte, reproduzir-se-ha facto analogo, todas as vezes que a expansão dos gazes for embaraçada em qualquer ponto do cano, pela presença de substancias de volume sensivel, que se achem comprimidas em seu interior, taes como pannos, por exemplo, abandonados alli por occasião da limpeza da arma;

5.º finalmente, não é de suppor que a pólvora tivesse exercido alguma influencia directa sobre o arrebentamento dos canos das carabinas.

Relator, major Agricola Everton Pinto.

1º tenente Eduardo Ernesto Midosi.

Fuzil Mannlicher

Comquanto a commissão technica militar não tenha ainda fixado sua escolha, relativamente ao typo de arma portatil de repetição, para ser adoptado pelo nosso exercito, ella julgou de conveniencia que fossem publicados os resultados das successivas experiencias, a que está submettendo os fuzis desse systema.

Damos hoje o relatorio das experiencias realizadas a 17 de setembro ultimo, no angulo do baluarte do Arsenal de Guerra, com dous fuzis Mannlicher dos calibres de 7^{mm},9 e 6^{mm},5.

Achou-se opportuno comparar, quanto á rapidez de tiro, essas armas, que são de deposito na culatra e tem carregador, com a capabina Kropatschek, que tem deposito no fuste e carrega-se á mão.

No numero seguinte publicaremos ainda sobre o fuzil Mannlicher experiencias mais completas, effectuadas no polygono da Escola Pratica.

No logar denominado Cafôfo, no Arsenal de Guerra desta capital, reunidos os membros infrascriptos da commissão technica militar consultiva, procedeu-se a experiencias determinadas com as armas repetidoras, dando os resultados que vão consignados no mappa appenso e de que diremos tambem aqui algumas palavras.

Serviram para experiencias as seguintes armas de repetição: Kropatschek, typo regulamentar da nossa armada, tendo de calibre 8^{mm}, e carregando-se com nove cartuchos soltos, dos quaes oito no magasin e um na camara; Mannlicher, typo allemão, calibre 8^{mm}, de cano envolvido por outro protector, carregando-se com cinco cartuchos acondicionados em um carregador metallico e alojando-se em um deposito da culatra; Mannlicher, typo de 1891, calibre 6^{mm},5, carregando-se como o precedente.

Iniciaram-se as experiencias, comparando o tempo necessario para carregar, em relação ás armas Kropatschek e Mannlicher, de calibre 8.

Empregou-se 17 segundos com a primeira e pouco mais de tres com a allemã. Nas experiencias de tiro, com calculo de tempo, indo na primeira vez as armas já carregadas, a Mannlicher de 8^{mm} deu 27 tiros em um minuto, sendo pois carregada a arma, nos intervallos, mais cinco vezes, queimando-se, porém, da ultima carga apenas dous cartuchos.

No mesmo espaço de tempo e nas mesmas condições, a Kropatschek deu 18 tiros, tendo-se carregado mais duas vezes, mas não queimando nenhum cartucho da segunda carga.

Depois do fogo, emquanto a arma allemã apresentava no cano envolvente um aquecimento muito pouco sensivel, a temperatura era incandescente no cano da Kropatschek.

Uma columna espessa de fumaça esbranquiçada apparecia após os tiros da Kropatschek, ao passo que a outra arma produzia um fumo tenue e azulado, que se dissipava logo.

Na segunda experiencia de tiro pelo tempo de dous minutos, que foi repetida, a Mannlicher de 8^{mm} deu primeiro 41 tiros, carregando-se nos intervallos oito vezes, sendo queimado apenas um cartucho da ultima carga; a Kropatschek deu 23 tiros, carregando-se duas vezes, sendo queimados cinco cartuchos da ultima carga.

Na mesma experiencia repetida, a Mannlicher deu 45 tiros, e a Kropatschek offereceu um embargo no funcionamento de seu mecanismo desde os primeiros tiros.

Atirando-se terceira vez com esta ultima arma, deu 18 tiros e terminou-se o tempo, quando começava-se a carregar a pela segunda vez.

De onde se tira a méta de 43 tiros para a Mannlicher, e de 21 tiros para a Kropatschek.

Os mesmos casos da primeira experiencia supra, relativamente ao aquecimento do cano e a combustão das polvoras, accentuaram-se novamente.

Finalmente, submetteu-se tambem a Mannlicher de 6^{mm},5 ao tiro continuo, dando em 1'30" 38 tiros, havendo então um embargo no funcionamento do ferrolho, devido á má disposição eventual de um cartucho no magasin. Em 2', pois, essa arma daria 51 tiros.

Como na Mannlicher de 8^{mm}, os tiros na de 6^{mm},5 produzem tambem um fumo tenue, azulado e desaparecendo logo.

O aquecimento, porém, do cano foi consideravel.

A polvora dos cartuchos empregados na arma Kropatschek, é de cor de chocolate, revestida porém de plombagina, e preparada com carvão russo; tendo uma combustão sensivelmente mais lenta que a nossa polvora regulamentar do fuzil rajado (F. R.)

A polvora dos cartuchos das duas armas Mannlicher não foi ainda analysada entre nós, e é conhecida geralmente pela denominação de polvora sem fumaça.

Mappa demonstrativo das experiencias feitas no cafôfo do Arsenal de Guerra, em 17 de setembro de 1891, com as armas repectidoras aqui mencionadas.

ARMAS E CALIBRES	Tempo gasto em carregar (3 experiencias)	Tempo para descarregar	N.º de tiros em 1'	N.º de tiros em 2' (2 experiencias)	N.º de tiros em 1'	N.º de tiros calculados para 2'	Embarrasamento durante as experiencias
Kropatschek 8 m m.	17"	13"	13	21	2ª
Mannlicher 8 m m.	3"	7"	27	43
Mannlicher 6 m m., 5	33	51	1ª	-

General de brigada, *Francisco Carlos da Luz*.

Coronel, *Luiz Antonio de Medeiros*.

Capitão de fragata, *João Justino de Proença*.

Tenente-coronel, *Joaquim de Salles Torres Homem*, relator.

(Revista da Commissão Technica Militar Consultiva.)

RENDAS PUBLICAS

ALFANDEGA DO RIO DE JANEIRO

Rendimento do dia 2 a 4 de janeiro de 1892..... 580:340\$465

Rendimento do dia 5..... 271:672\$990

852:013\$455

Em 1891..... 755:622\$350

RECEBEDORIA

Rendimento do dia 2 a 4 de janeiro de 1892..... 63:716\$486

Rendimento do dia 5..... 53:523\$768

117:240\$254

Em igual periodo de 1891.... 138:483\$210

NOTICIARIO

Telegramma — Ao Sr. vice-Presidente da Republica foi dirigido o seguinte telegramma:

TRES CORAÇÕES, 1 — A guarda nacional da comarca da Varginha, estado de Minas Geraes, tem a honra de saudar a V. Ex. no dia de hoje e ao mesmo tempo assegurar a V. Ex. todo seu apoio a bem da Republica Federativa dos Estados Unidos do Brazil, por cuja estabilidade e defeza tomará armas na occasião que se tornar necessario. — Coronel *Joaquim Baptista de Mello*, commandante superior.

Casamento civil — Na 6ª pretoria casaram-se no dia 2 Carlos Galvão Bourcher com Francisca Ferreira da Silva, Antonio Leopoldino Vianna com Diná de Souza Mendes e José Rebello com Carolina Rosa Gomes de Pina.

Bibliotheca da Escola Polytechnica — Esta bibliotheca foi frequentada durante o mez de dezembro findo, por 43 leitores, que consultaram igual numero de obras em 61 volumes, sendo:

Em mathematicas 19, sciencias physicas 2, engenharia civil 14, physophia 2, dictionarios 4, jornaes e revistas 2, nas seguintes linguas: Em portuguez 4, franc z 39.

Dos 43 leitores 17 frequentaram á noite.

Massacre do christãos — De Pekin escreveram a um jornal de Paris:

« Rebentaram duas grandes revoluções perto da muralha septentrional. Uma cidade situada a noroeste de Kinchawe, foi toda occupada pelos insurgentes, partindo para alli, afim de a desalojar, toda a guarnição de Shanhal Kwan.

No districto de Takou rebentou tambem uma grande revolução. Os mandarins celebraram uma conferencia com os chefes da revolta, compromettendo-se estes a não maltratar os habitantes, ficando-lhes, porém, salvo o direito de poderem invadir e saquear as casas dos christãos.

Ajustado este accôrdo, o bando de miseraveis principiou a sua infamissima tarefa, destruindo as missões catholicas e martyrisando os sacerdotes e religiosos que encontravam. Presume-se que o numero de christãos massacrados excede a 300.

O governo imperial está muito inquieto, e o Li-Hung-Chang tem desenvolvido uma grande actividade, enviando numerosas forças para os pontos onde se acham concentrados os revoltosos.

Os missionarios protestantes estabelecidos em Tsun-Hoa fugiram, porque as autoridade locais declaram-se impotentes para os proteger. »

De Tien-Tsin enviaram tambem ao *Daily Chronicle*, de Londres, pormenores sobre o massacre das missões belgas. Refere o correspondente, que os miseraveis, depois de terem trucidado centenas de individuos, foram acolhidos com festas pelos mandarios da provincia.

O bando dos rebeldes é todos os dias augmentado; quanto criminoso existe disperso pela China corre a reunir-se o esse bando de miseraveis, que as autoridades chinezas protegem, não se sabe se por medo, se por calculo.

Mina de mel — Na California, ao sul e não longe de S. Bernardino, descobriu-se uma enorme e rica mina de mel.

O caso assim contado parece cousa phenomenale e que toca ás raias do absurdo. Explicado, entretanto, vê-se que entra elle no dominio do possivel.

As montanhas daquella região estão crivadas de grutas espaçosas e profundas. Desde tempos immemoriaes asy larum-se numerosas familias de abelhas naquellas grutas e alli viviam santa e mysteriosamente, fabricando o seu mel, quando foram ultimamente apanhadas com a boca na botija.

Diz-se que o mel existente naquellas grutas que se communicam, dá para alimentar meia duzia de exercitos durante um mez. E' muito mel!

A America em Chicago — São as seguintes as sommas votadas pelas republicas da America do Sul e que tomam parte na exposição de Chicago, São: Guatemala, 128.000 dollars; Costa Rica, 50.000; Columbia, 100.000; Equador, 100.000; Perú, 25.000; Chile, 100.000; Mexico, 750.000 e a Republica Argentina, 25.000 pesos ouro.

Destruição dos besouros — Um agricultor de Mayena descobriu uma cryptogamica parasita da lagarta branca, a terível larva do besouro. Esse cogumello, que

envolve a lagarta em uma especie de mortalha de poeira branca, mata-a rapidamente, e o seu descobridor, o Sr. Lemoult, pôde obter fazendo sementeira delle em campos devastados pela lagarta branca, a destruição destas e a restauração desses campos.

O Sr. Blanchard, que annunciou esta boa nova à Academia das Sciencias de Paris, espera que a cryptogamica descoberta pelo Sr. Lemoult possa contribuir para completa extirpação dos besouros.

Pombos correios—Estão se fazendo interessantes experiencias com os pombos correios. Não se tinha até agora conseguido que os pombos voassem de noite, e para conseguil-o é que se tem feito essas experiencias.

Para isso os levam a distancias que vão gradualmente augmentando e depois da noite fechada atiram-se do alto de uma torre ou de qualquer edificio elevado. Tem-se reconhecido que os pombos vão adquirindo pouco a pouco o costume de voar de noite, o que será de muita utilidade em tempo de guerra para livral-os dos tiros do inimigo.

Meyerbeer—Meyerbeer deixou uma opera inedito que se intitula *Fausto*. Segundo, porém, as suas disposições testamentarias, essa opera poderá ser representada quando um dos netos do grande compositor for tão excellente musico que possa reger a execução do trabalho do avô.

E a proposito de Mayerbeer. Sabe-se por quem o genio do autor dos *Huguenotes* foi mais contestado? Por Wagner.

Wagner reconheceu em Rossini a honra de ser o « divino genio da opera », em Beethoven de ser o « divino genio da symphonia »; quanto a Meyerbeer chamava-o de « catavento » e affirmava que o seu *Propheta* era a sua « inteira deshonra artistica ».

Veneza em Londres—O grande local de espectaculos, conhecido em Londres por *Olympia*, em West Kensington, prepara para breve um espectaculo sumptuoso que excederá em magnificencia tudo quanto até agora alli se tem exhibido. Trata-se de reproduzir a cidade de Veneza com as suas pontes e canaes, gondolas e gondoleiros.

Uma grande parte do edificio estará coberta de agua, utilizando-se a quarta parte desta extensão para se formar um lago, que figurará o grande canal do qual partirão os diferentes canaes que existem na cidade formando as ruas.

A antiga Veneza será, pois, reproduzida com toda a propriedade, e tudo leva a crer que será uma exhibição esplendida.

Epitaphios em concurso—Lê-se no *Figaro* :

« Dizia ultimamente o Sr. De Bismarek a um de seus intimos : *Só desejo no mundo um bom epitaphio.*

Segundo Littré, fazer o epitaphio de alguém, é dizer depois de sua morte o bem ou mal que delle se pensa. Mas não ha um só epitaphio nos nossos cemiterios que não seja um panegyrico, — de onde o proverbio : « mentiroso como um epitaphio. »

O *Figaro* pensou que haverá talvez meio de pôr um pouco de verdade e de sinceridade sobre a pedra dos tumulos, abrindo um *concurso de epitaphios para grandes homens.*

Serão todos admittidos ao concurso: os amigos, particularmente os inimigos, os parentes, o proprio futuro morto, e até a esposa inconsolavel.

Os epitaphios não deverão passar de cinco ou seis linhas; poderão ser feitos em prosa ou verso, e será tambem admittida a lingua latina que diz muito em poucas palavras.

Apelamos para o espirito e não para a grosseria, pedindo epitaphios para as celebridades que se seguem: os Srs. De Freycinet, Constans, H. Rochefort, J. Ferry, J. Simon, E. Zola, sir Petadan, Coquelin Senior, Sara Bernhardt, Luiza Michel, P. de Cassagnac, G. Clemenceau, Deroulede, E. Renan, Lesseps, Charcot, Paulu.

O melhor epitaphio sobre cada um destes nomes será publicado, e o melhor dos doze publicados terá um premio de 100 francos.»

Esperamos o resultado deste originalissimo concurso, onde, não ha duvidar, brillará ainda uma vez o fino espirito francez.

A myopia dos animaes—O *Opticien*, jornal da classe dos oculistas, refere que um conhecido fabricante de lunetas está actualmente aperfeicoando de um invento que deve ter um optimo acolhimento em toda a parte. Esse invento consiste em umas lunetas especiaes para facilitar o ensino dos cavallos; por meio dellas não haverá animal que não possa ser amestrado em pouco tempo, tirando-se-lhe, além disso qualquer manha que possa ter. Segundo diz o inventor, muitos cavallos espantam-se com qualquer cousa, por serem muito myopes; desde que se lhes applique um vidro, por meio do qual vejam bem, esse defeito desaparecerá promptamente e o cavallo domar-se-ha com a maior facilidade.

A divisão da propriedade—O conde Joseph d'Estourmel allude, nas suas memorias a um socialista, que, tendo-se refugiado em Genova, matava o tempo escrevendo artigos de propaganda. O homem pregava constantemente a divisão da propriedade, dizendo que era necessario ao perfeito equilibrio social que a terra e as riquezas fossem divididas com igualdade.

Um dia, um parente rico morreu deixando-lhe 15 000 francos. Como este facto fosse publico, o bom do socialista, no dia seguinte, escrevia um artigo, que principiava assim :

« *Todos os bens devem ser divididos passando de 15.000 francos.* »

Christovão Colombo—Seis cidades da Italia, querem a gloria de ter nellas nascido o descobridor da America, agora porém depois de diversas investigações, diz-se que Colombo nasceu na pequena cidade de Beltoia. Esta cidade está tão satisfeita que resolveu erigir um monumento ao grande navegador e enviar a Chicago uma commissão portadora de todos os documentos que provam o seu nascimento.

Cura da embriaguez—Diz-se que nos Estados Unidos tem-se conseguido excellentes resultados na cura da embriaguez com injeções sub-cutaneas de chlorureto de ouro. O elevado preço do remedio, será causa de não diminuir em muito o vicio de que foi Noé o autor.

Ouro falso—Theodoro Held, de Menden, Westphalia, Allemanha, tirou privilegio para explorar um composto metallico de seu invento, no qual, para 100 partes de cobre (em peso) entram seis de antimonio,

Essa liga é a mais perfeita e estupenda imitação que até hoje se tem conseguido do ouro: polida, brilha como elle e não mareaia, nem mesmo sujeita aos vapores acidos e ammoniacaes; não se oxida, isto é, não cria ferrugem; presta-se á forja, á soldagem e á laminação, e é mais dura que o ouro.

A liga é feita deste modo:—quando o cobre está derretido, nelle se põe o antimonio. Bem misturadas, bem unificadas as duas partes em um só corpo, ajunta-se-lhes uma certa quantidade de carvão vegetal, em pó, que provoca uma grande efervescencia, um precipitado purificante, e deixa-se então solidificar a fusão.

Pagadoria do Thesouro—Pagam-se amanhã as folhas da Escola Polytechnica, Supremo Tribunal Federal, Côte de Appellação, meio soldo, reformados e avulso da justiça, sendo tambem no Thesouro o pagamento da Directoria de Estatistica e da Caixa de Amortisação.

Contadoria Geral da Guerra—Paga-se amanhã o pessoal docente das escolas militares inclusive as de Tiro, Aprendizizes Artilheiros e operarios militares, a fêria de remadores, os officiaes honorarios e no Arsenal de Guerra e fabricas de armas da fortaleza da Conceição as fêrias dos operarios.

Correio—Esta repartição expedirá malas hoje pelos seguintes paquetes:

Pelo *Amazonas*, para Bahia, Lisboa e Hamburgo, recebendo impressos até às 11 horas da manhã, cartas para o interior até à 11 1/2, ditas, com porte duplo e para o exterior até às 12, objectos para registrar até às 11 idem.

Pelo *Cytle*, para Montevideo e Buenos-Aires, levando malas para Matto Grosso e Paraguay, recebendo impressos até às 11 horas da manhã, cartas para o interior até às 11 1/2, ditas com porte duplo e para o exterior até às 12, objectos para registrar até às 11 idem.

Pelo *Alexandria*, para Santos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco e Itajahy, recebendo impressos até às 9 horas da manhã, cartas para o interior até às 9 1/2, ditas com porte duplo até às 10 idem.

Pelo *Rio Paraná*, para Paranaguá, Desterro, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, recebendo impressos até às 9 horas da manhã, cartas para o interior até às 9 1/2 da manhã, ditas com porte duplo até às 10, objectos para registrar até às 6 da tarde de hoje.

Observatorio Astronomico—Resumo meteorologico dos dias 30 e 31 de dezembro de 1891.

N. DE ORDEN	DIAS	HORAS	BAROMETRO A 00	THERMOMETRO CENTIGRAO	TENSAO DO VAPOUR	HUMIDADE RELATIVA
1	30	7 hs. da noute.	753.91	22.4	15.75	73.0
2	31	1 » » manhã.	751.85	22.3	16.66	83.0
3	»	7 » » »	754.43	23.5	17.14	80.0
4	»	1 » » tarde.	754.2	23.7	17.56	81.0

Thermometro desabrigado ao meio dia: enegrecido 52,5, prateado 35,0.

Temperatura maxima 28,4.

Temperatura minima 20,5.

Evaporação 3,0.

Ozore 6.

Velocidade média do vento em 24 hs. 4m,9.

Estado do céu

1) 0,4 encobertos por cirrus e cirro-cumulus, vento SSE 11m,1.

2) 0,2 encobertos por cirro-cumulus e cumulus, vento nullo.

3) 0,7 encobertos por cirrus e cirro-cumulus, vento SE 3m,3.

4) 0,3 encobertos por cirrus e cumulus, vento SE 11m,1.

E nos dias 31 de dezembro de 1891 e 1 do janeiro de 1892:

N. DE ORDEN	DIAS	HORAS	BAROMETRO A 00	THERMOMETRO CENTIGRAO	TENSAO DO VAPOUR	HUMIDADE RELATIVA
1	31	7 hs. da noute	754.25	23.0	17.99	83.0
2	1	1 » » manhã	754.09	22.9	17.63	85.0
3	»	7 » » »	753.90	24.3	17.92	73.8
4	»	1 » » tarde.	753.76	24.2	18.85	81.0

Thermometro desabrigado ao meio-dia: enegrecido 52,5, prateado 32,5.

Temperatura maxima 28,8.

Temperatura minima 21,5.

Evaporação 2,5.

Ozore 7.

Velocidade média do vento em 24 hs. 3m,4.

Estado do céu

1) 0,7 encobertos por cirrus, cirro-cumulus e cumulus, vento SSE 9m,1.

2) 0,2 encobertos por cirrus e cumulus, vento S 2m,2.

3) 0,4 encobertos por cirrus e cumulus, vento ESE 4m,1.

4) 0,2 encobertos por cirrus e cumulus, vento SSE 11m,1.

Abastecimento de agua— Os diversos mananciaes forneceram:

No dia 1 de janeiro de 1891 :

Tinguá e Commercio	61.600.000
Maracanã e afluentes	8.791.000
Macacos e Cabeça	4.418.000
Carioca e Morro do Inglez.....	1.211.000
Andarahy e Tres Rios.....	4.424.000
Alem das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu.....	3.657.000
e o do Morro da Viuva.....	1.643.000

Repertição Central Meteorologica—Resumo meteorologico da estação do morro de Santo Antonio.

Dia 5 de janeiro de 1892

Temperatura à sombra.....	(maxima.....	29 5
	(minima.....	>1,5
	(média.....	25 7
Dita na relva.....	(maxima.....	47 2
	(minima.....	19 0
Dita ao sol.....	maxima.....	49,5
Evaporação à sombra 2 ^a , 3,		
Chuva, 10 ^{ma} , 8.		

Santa Casa da Misericordia—O movimento do hospital da Santa Casa da Misericordia, dos hospícios de Nossa Senhora da Saude, de S. João Baptista, de Nossa Senhora do Socorro e de Nossa Senhora das Dóras em Cascadura, foi no dia 4 de janeiro, o seguinte :

	Nac.	Est.	Total.
Existiam.....	761	689	1.450
Entraram.....	28	44	72
Sahiram.....	2)	4)	6)
Falleceram.....	6	10	16
Existem.....	763	682	1.445

O movimento da sala do banco e dos consultorios publicos foi, no mesmo dia, de 483 consultantes, para os quaes se aviaram 607 receitas.

Fizeram-se 47 extracções de dentes.

Obituario— Sepultaram-se no dia 4 do corrente as seguintes pessoas, fallecidas de :

Accesso pernicioso — a bahiana Agripina Maria dos Santos, 15 annos, solteira, residente à rua do Visconde de Sapucahy n. 213.

Asphixia por submersão — Augusto Lepome, 50 annos, presumiveis. (Verificado o obito no Necroterio.)

Abcesso pulmonar — a fluminense Adelina Pereira Pinto Galvão, 37 annos, viuva, residente e fallecida à rua Buarque de Macedo n. 32.

Anemia profunda — o fluminense José, filho de Thomaz Teixeira Martins, 4 annos, fallecido na Praça da Republica, estação da Estrada de Ferro.

Arterio sclerose generalizado — a fluminense D. Francisca Henriqueta da Cunha, 55 annos, solteira, residente e fallecida à rua Carvalho de Sá n. 16.

Athrepsia — os fluminenses Maria, filha de Joaquim d'Avila, 10 mezes, residente à rua do Retiro Saudoso n. 7; Albertina, filha de Domingos Vieira Pacheco, 1 anno e 8 mezes, residente e fallecida à rua de João Caetano n.175; Julio, filho de Bernardino Ignacio Brum, 14 mezes, residente e fallecido à rua do Visconde de Caravellas n. 6. Total, 3.

Beri-beri — o fluminense Antonio Nepomuceno de Souza, 45 annos, viuvo, residente e fallecido à rua Vinte e Quatro de Maio n. 37.

Beri-beri paralitico — o paulista João Rodrigues Pereira, 21 annos, solteiro, residente no batalhão naval e fallecido no hospital de marinha da Copacabana.

Broncho-pneumonia — o fluminense Octacilio, filho de João Leandro de Mendonça, 15 mezes, residente e fallecido à rua da Passagem n. 100.

Convulsões — a fluminense Ignez, filha de Manoel Domingues da Silva, 7 mezes, residente e fallecida à rua do Monte n. 35.

Cachexia palustre — o paraguayo João da Matta, 32 annos, solteiro, residente na Barra do Pirahy e fallecido na Santa Casa.

Chirroise atrophica do figado — o portuguez Casemiro Silvestre Fragoso, 50 annos, viuvo,

residente e fallecido a rua Marquez de Olinda n. 32.

Cancro uterino — a italiana Marietta Baderna Gianni, 58 annos, viuva, residente e fallecida a rua General Severiano n. 76.

Congestão cerebral — um individuo do sexo masculino, 30 annos presumiveis e verificado o obito no necroterio.

Cholera infantil — a fluminense Emilia, filha do Dr. Eduardo José de Moraes Filho, 8 mezes, residente e fallecida a rua de Santa Alexandrina n. 49 B.

Commoção cerebral — o brasileiro Merciaes Varella, 22 annos, verificado o obito no necroterio.

Dilatação da aorta abdominal — o pernambucano João Felipe da Silva, 34 annos, casado, residente no quartel de Barbonos e fallecido no hospital da Brigada Policial.

Entero colite aguda — a fluminense Julieta, filha de Arminha Filho Jacintho, 6 mezes residente e fallecida à rua Pedro Americo n. 76.

Entero colite chronica — a brasileira Raymunda Baptista do Espirito Santo, 48 annos, viuva, residente à rua da Lapa n. 16 e fallecida na Santa Casa.

Febre amarella — o rio-grandense do sul Diogo Benicio da Silva, 17 annos, solteiro, residente e fallecido à rua Estacio de Sá n. 40; o hespanhol Romão Gonçalves, 25 annos, solteiro, residente e fallecido à rua dos Andradas n. 79; os italianos Sardi Luigi, 50 annos, viuvo, residente e fallecido a rua do Bispo canto da rua Barão de Itapagipe; Augusto Perna, 25 annos, casado, residente e fallecido à rua General Caldwell n. 167; José Ulro, 34 annos, casado, residente e fallecido a rua General Caldwell n. 6; Lucia Margarite, 56 annos, viuva, residente e fallecida a praia Formosa n. 163; os portuguezes Manoel Correia de Mello, 40 annos, casado, residente a rua dos Invalidos n. 125 e fallecido na Santa Casa; Domingos Alves de Castro, 29 annos, casado, residente e fallecido a praça do Castello n. 1; Clemente da Costa Vida, 23 annos, solteiro, residente e fallecido a rua dos Invalidos n. 86; Manoel Guilherme, 23 annos, solteiro, residente e fallecido a rua da Misericordia n. 21; Maria Augusta, 17 annos, solteira, residente e fallecida a rua de S. Christovão n. 243; Maria da Conceição, 37 annos, viuva, residente e fallecida a rua Fonseca Telles n. 1. Total, 12.

Febre remittente biliosa — a hespanhola Maria Laura 24 annos, casada, residente na praça do Castello n. 4 e fallecida na Santa Casa; o portuguez Joaquim de Borba Nunes 23 annos, solteiro, residente e fallecido à rua Vidal de Negreiros n. 66. Total, 2.

Fraqueza congenial — um feto do sexo masculino filho de Justina Gomes de Aguiar 2 horas, residente e fallecido no hospital da Santa Casa; a fluminense Maria filha de Vicentina Rodrigues, 7 dias residente e fallecida à rua Mariz e Barros n. 26. Total, 2.

Hemorragia puerperal — a fluminense D. Maria José Monteiro de Barros Netto 28 annos, casada, residente e fallecida à rua Barão de Ibiturunan. 3.

Inanição — um feto do sexo masculino filho de Alberto Candido Pimentel 1 hora residente e fallecido à travessa do Guedes n. 21.

Lymphatite pernicioso — o italiano, José Morquete 60 annos, casado, residente e fallecido à praia Formosa n. 163.

Lesão organica do coração — o portuguez, José Fernandes Pinto 33 annos, casado, residente e fallecido à rua da Concordia n. 20; a inglez Frederico Mausoredeze 39 annos, viuvo, residente e fallecido à rua Gamboa n.119; José Fernandes 60 annos, presumiveis, e verificado o obito no Necroterio. Total, 3.

Lesão cardiaca — o africano José Moreira de Saupiao, 70 annos, viuvo, residente e fallecido à rua Humaytá n. 59 A.

Marasmo consecutivo à variola — a brasileira, Palmyra, 30 annos, solteira, residente e fallecida à rua Figueira n. 9.

Meningo encephalite — o fluminense Jacintho José da Costa 63 annos, casado e fallecido no hospital da Penitencia.

Mal de Syão — o frncez João Urutigoity 51 annos, casado, residente à rua do Mercado n.6 e fallecido na Casa de Saude Catta Preta.

Myocardite degenerativa — o portuguez Antonio Monteiro Rodrigues, 40 annos, casado, residente e fallecido a rua dos Invalidos n. 149.

Meningite cerebral — a fluminense filha de Rodolpho Guilherme Kert, seis mezes e 20 dias, residente e fallecida a rua General Argollo n. 33.

Pneumonia infecciosa — o brasileiro Gualberto de Oliveira Vianna, 20 annos, solteiro, residente e fallecido à rua D. Polixena n. 42.

Schirro-uterino — a portugueza Margarida Ferreira da Costa, 25 annos, solteira, residente e fallecida à rua da Luz n. 44.

Typho ictericoide — os hespanhoes, Gregorio Martins Figueiredo, 31 annos, solteiro, residente e fallecido à rua da Conceição n. 91; José Cavanellas Areas, 49 annos, viuvo, residente e fallecido à rua Guanabara atraz do palacio Izabel; a portugueza Maria Barbara Elias, 32 annos, casada, residente e fallecida à praça do Castello n. 21. Total, 3.

Tetano traumatico — o frncez Lapon Keninger, 45 annos, solteiro, residente à rua Bemfica n. 24 e fallecido na Santa Casa.

Tuberculos mesentericos — o fluminense João, filho de Alvaro Rodrigues de Carvalho, 18 mezes, residente e fallecido à rua de Santa Anna n. 97.

Tuberculose generalizada — a brasileira Christina, 8 annos, e fallecida na Santa Casa.

Tuberculose pulmonar — o fluminense Pedro, filho de Valentim Joaquim Ramos, 4 annos, residente e fallecido à rua Santa Anna n. 31, quinta da Boa-Vista.

Variola — a fluminense Eugenia, filha de Luiz de Araujo Lima, 2 annos, residente e fallecida à rua do Estacio de Sá n. 29.

Variola confluyente — a parahybana do norte Alexandrina Maria da Conceição, 20 annos, solteira, residente e fallecida à rua da Assumpção n. 15; o careense Joaquim Pereira de Souza, 41 annos, viuvo, residente e fallecido à rua Indianan n. 5; a portugueza Emilia Rosa da Silva, 27 annos, solteira, residente e fallecida à travessa da Natividade n. 7. (Total, 3.)

Variola hemorrahagica — os fluminenses Francisco Gomes, 19 annos, solteiro, residente à rua Larga de S. Joaquim n. 17; Leopoldina Maria da Conceição, 40 annos, viuva, fallecida no hospital de Santa Barbara. (Total, 2.)

Tuberculose pulmonar — os fluminenses Fortunato de Mendonça, 35 annos, solteiro, residente em Macahé; João Pedro de Souza, 46 annos, residente em Macahé e fallecidos na Santa Casa. (Total, 2.)

Fetos — Um filho de Francisco Manoel de Sá, 7 mezes; outro nascido morto à rua do General Pedra n. 53.

No numero dos 67 sepultados, estão incluidos 16 indigentes, cujos enterros foram gratuitos.

COMMERCIO

CAMBIO Rio, 5

Os bancos abriram com a taxa official de 12 1/4 d. sobre Londres, e talvez a 12 5/16 se pudesse ter obtido lettras, mas o mercado affrouxou, e o Brnc Paris e Rio adoptou a taxa de 12 1/8 d., os bancos da Republica e Allemão affixando a de 12 d., de manhã.

O movimento do dia foi pequeno e o mercado fechou estavel, constando transacções em lettras bancarias a 12 1/4 e 12 1/8 d., sendo cotado o papel particular de 12 1/4 a 12 3/8 d.

As taxas officiaes dos bancos foram as seguintes:

Londres por 1\$	12 a 12 1/4 d., a 90 d/v.
Pariz, por franco.....	778 a 794 rs., a 90 d/v.
Hamburgo, por marco.....	930 a 1\$002, a 90 d/v.
Italia, por lira	784 a 802 rs., a 3 d/v.
Portugal.....	380 a 400 %/o, a 3 d/v.
Nova-York, por dollar..	4\$000 a 4\$210 à vista.

COTAÇÕES DA BOLSA

Apólices		
Apólices geraes de 1:000\$, 5 %	980\$000	
Ditas convertidas, 4% em ouro	1:010-000	
Ditas idem idem	1:015\$000	
Bancos		
Banco da Republica	125\$000	
Companhias		
Comp. Obras Publicas	89\$000	
Debentures		
Debs. Geral Estradas de Ferro, £ 11, 5, 0	6'000	
Ditos idem, £ 20	3\$500	
Ditos idem idem	4\$000	
Ditos idem idem	4\$500	

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1892.—
Joaquim Navarro de Andrade, presidente.—
A. Simonsen, s. cretario.

Entradas de capital

Estão marcados os seguintes prazos para prestações de capital:

Companhias :		
Materiaes e Aterros, a 2ª de 40\$, á rua da Quitanda n. 44, até	6	
F. de Tecidos Santa Thereza, 1 de 30\$, á rua Primeiro de Março n. 117, até	7	
E. F. Oeste de Minas, 1 de 10\$ sobre os de 25%, á rua Theophilo Ottoni n. 46, de 4ª	7	
Nacional M. de Docas, a 2ª de 10\$, á rua da Saude n. 85, até	8	
Gravadora Brasileira, a 4ª de 10\$, á rua da Imperatriz n. 18, até	10	
Turf-Club, a 3ª de 20\$, á rua do Sacramento n. 1, até	11	
Distillação Central, 1 de 20\$, até	15	
Industrial de Ouro Preto, 1 de 10 /, á rua da Quitanda n. 53, até	15	
Esperança Maritima, 1 de 20 /º ou 40\$, á rua do General Camara n. 19, até	15	
Transporte de Cargas, a 6ª de 40\$, á rua da Candelaria n. 23, de 5 a	16	
Evoneas Fluminense, 1 de 10\$, á rua do Hospicio n. 34, até	20	
Banco Mercantil de Minas, a 2ª de 20\$, á rua da Alfandega n. 7, de 15 a	25	
Geral de Melhoramentos de Pernambuco, a 2ª de 10 /º ou 20\$, á rua do Hospicio n. 105, de 25 a	30	
Seguros Bonança, 1 de 10\$, á rua Primeiro de Março n. 2, até	31	

Pagamento de dividendos

Pagam-se, a partir dos dias abaixo indicados, os dividendos seguintes:

Bancos:		
Credito Garantido, o 3º trimestral, na razão de 7\$, desde o dia 7.		
Companhias:		
Moinho fluminense, o 4º de 5\$, á rua do Ouvidor n. 32, desde o dia 1.		
União Fabril e Pastoral, 14 % sobre as acções, á rua Primeiro de Março n. 91, desde o dia 1.		
V. Mechanica Vassourense, o 40º de 5\$, no largo de Santa Rita n. 24, desde o dia 1.		
Seguros Fidelidade, o 62º de 12\$, á rua da Candelaria n. 18, desde o dia 2.		
Seguros Progresso, o 2º semestre, á rua da Alfandega n. 116, desde o dia 2.		
Progresso Industrial, o 2º de 7\$, á rua do Visconde de Inhaúma n. 98, desde o dia 4.		
Seguros Mutuos, o 4º semestre, á rua dos Ourives n. 46, desde o dia 5.		
Rural do Brazil, o 3º de 3\$, á rua Primeiro de Março n. 21, desde o dia 5.		
Seguros Garantia, o 46º de 12\$, á rua Primeiro de Março n. 27, desde o dia 7.		
Seguros Integridade, o 38º de 8\$, á rua do General Camara n. 6, até 7.		
Seguros Allianca, o 19º de 10 /, á rua Primeiro de Março n. 49, desde o dia 11.		
Seguros U. C. dos Varegistas, o 9º de 4\$, desde o dia 12.		
Seguros Confiança, o 37º de 2\$, á rua do General Camara n. 1, desde o dia 12.		

De juros vencidos

DEBENTURES

Pagam-se, dos dias abaixo em deante, os juros dos titulos das seguintes sociedades:

Companhias :	
E. F. União Valenciana, na sede e á rua de Bragança n. 29, desde o dia 1.	
Casa de Saude do Dr. Eiras, o coupon vencido, á rua dos Ourives n. 68, desde o dia 1.	
F. de Tecidos Rink, o coupon n. 26, á rua do Costa n. 33, desde o dia 2.	
Saneamento do Rio, o 3º coupon, á razão de 13\$714, á rua dos Invalidos n. 36, desde o dia 2.	
Cantareira e Viação o 3º coupon do emprestimo de \$ 787.500, á rua do Hospicio n. 49, desde o dia 2.	
Obras Publicas no Brazil, o coupon do emp. de £ 562.500, rua do Hospicio n. 49, desde o dia 2.	
Minas de Ouro-Falla, o 1º coupon, rua do Rosario n. 43, desde o dia 2.	
Seguros Progresso, o 2º semestre, rua da Alfandega n. 116, desde o dia 2.	
C. F. Santo Amaro, o coupon vencido, no Banco do Commercio, desde o dia 4.	
E. F. Santa Isabel do Rio-Preto, o 3º coupon de £ 50, á rua do Ouvidor n. 35, desde o dia 5.	
V. Ferrea de Sapichay, o 3º coupon de £ 20 no London Bank, desde o dia 5.	
Seguros Esperança, o 4º semestre, rua dos Ourives n. 46, desde o dia 5.	
Progresso Industrial do Brazil, o 2º semestre á razão de 7\$, rua do Visconde de Inhaúma n. 28, de 16 a 31.	

Letras hypothecarias

Banco do C. R. do Brazil, o semestre findo, sendo as de ouro, 5,550, desde o dia 2.

Reuniões convocadas

Estão convocados para se reunir em assemblea geral os accionistas das seguintes sociedades:

Banco Regional do Sul, rua Theophilo Ottoni n. 39, 1 hora	7
N. de Artefactos de Folhas de Flandres, rua da Alfandega n. 92, 12 horas	7
U. Ind. e Mercantil, rua do Ouvidor n. 48, 12 horas	8
S. Anonyma O Brazil, rua Sete de Setembro n. 135, 2 horas	8
Melhoramentos da Ilha do Governador, rua Sete de Setembro n. 37, 1 hora	8
Materiaes e Aterros, rua da Quitanda n. 44, 1 hora	9
F. de Tecidos Corcovado, rua do Visconde de Inhaúma n. 3, 12 horas	9
Comm. e Ind. de Generos Alimenticios, rua da Alfandega n. 117, 12 horas	11
Sportiva Luzitana, largo da Sé n. 13, 5 horas	11
Territorial e Constructora, rua do Ouvidor n. 45, 1 hora	11
S. J. A. de Araujo Filgueiras, rua da Quitanda n. 149, 1 hora	12
Industrial de Encaixotamento, rua dos Benedictinos n. 18, 12 horas	12
Banco Commercial e Constructor, rua Primeiro de Março n. 35, 1 hora	14
Banco Luzo-Brazileiro, rua Primeiro de Março n. 45, 12 horas	14
Moinho Fluminense, rua do Ouvidor n. 32	15

Embarcações em descarga

NO DIA 6 DE JANEIRO

MOVIMENTO DOS ANCORADOUROS

<i>Ancoradouro da descarga atraz da Ilha das Cobras</i>	
Vapor allemão Bahia, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, Carvalhaes, Freitas e despachos.	
Vapor allemão Pernambuco, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Ilha das Moças, Reis e despachos.	
Vapor inglez Humboldt, Liverpool: varios generos, alfandega, Docas de D. Pedro II, Ilha do Vianna e despachos.	

Vapor allemão Montevideo, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, Ilha das Moças, da Ordem e despachos.	
Vapor allemão Cyrillyba, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, Ilha das Moças e despachos.	
Vapor allemão Vulparaiso, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Reis, Ilha das Moças, Carvalhaes e despachos.	
Vapor inglez Wandsworth, Antuerpia: varios generos, alfandega, trapiche Ilha do Vianna, Docas de D. Pedro II e despachos.	
Vapor inglez Sirius, Liverpool: varios generos, alfandega, trapiche Damião e despachos.	
Vapr allemão Paranaquá, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Reis, Ilha das Moças e despachos.	
Vapor allemão Patagônia, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.	
Vapor francez Ville de Montevideo, Havre: varios generos, alfandega, Docas Nacionaes, Carvalhaes, Ilha das Moças e despachos.	
Vapor inglez Faxman, Liverpool: varios generos, alfandega, trapiches Ilha do Vianna, das Moças e despachos.	
Vapor inglez Oro, Antuerpia: varios generos, alfandega e trapiches da Ordem, Corção, Ilha do Vianna e despachos.	
Vapor allemão Strassburg, Bremen: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Damião, do Vapor e despachos.	
Vapor austriaco Mtlekowitz, Fiume: varios generos, Docas Nacionaes, trapiche Novo Commercio e despachos.	
Vapor francez Amazonas, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.	
Vapor inglez Saint Asaph, Antuerpia: varios generos, explosivos para a Ilha do Boqueirão.	
Vapor francez La Plata, Bordéos: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.	
Vapor norte-americano Alliance, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Corção e despachos.	
Vapor inglez Tamar, Southampton: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.	
Vapor allemão Petropolis, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.	
Vapor francez Campana, Havre: varios generos. (Docas Nacionaes) trapiche da Ordem.	
Barca norueguense Julie, Nova York: varios generos, trapiches Corção, Internacional e despachos.	
Vapor inglez Sandringham, Antuerpia: varios generos, alfandega, trapiche Damião e despachos.	
Vapor allemão Munchen, Bremen: varios generos, alfandega, trapiche Freitas e despachos.	
Vapor francez Aquitaine, Buenos Aires: varios generos (trapiche da Ordem).	
Vapor allemão Itaparica, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.	
Vapor inglez Thames, Rio da Prata: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.	
Vapor francez Coadouan, Buenos Aires: varios generos, trapiches Novo Commercio, da Ordem e despachos.	
Vapor belga Hevelius, Londres: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.	
Vapor allemão Graf Bismark, Bremen: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.	
Vapor norte-americano Segurança, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Corção, Damião, Flora, Carvalhaes e despachos.	
Vapor allemão Tijuca, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, Ilha das Moças e despachos.	
Barca allemã Aurora, Londres: varios generos, alfandega, trapiche Carvalhaes e despachos.	
Vapor allemão Santos, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.	
Vapor belga Wordsworth, Londres: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Reis e despachos.	

Vapor inglez *Lassell*, Londres: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Damião e despachos.
 Vapor inglez *Cupulez*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Flora, Damião, Corção e despachos.
 Vapor allemão *Hamburg*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Reis, Freitas, Ilha das Moças e despachos.
 Patacho allemão *August*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes e despachos.
 Lugar dinamarquez *Ameté*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Carvalhaes e despachos
 Vapor allemão *Lissabon*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.
 Vapor francez *Cheribon*, Marsella: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Docas de D. Pedro II e despachos.
 Vapor inglez *Herschel*, Liverpool: ferro, (Ilha do Vianna).
 Barca norte-america *Julia Rollins*, Baltimore: varios generos, trapiches Corção, Damião, Internacional, Flora e despachos.
 Vapor francez *Espagne*, Buenos Aires: alfandega, trapiches da Ordem, Novo Cleto e despachos.
 Lugar sueco *Snea*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Carvalhaes, Docas de Pedro II e despachos.

Noticias Maritimas

Vapores esperados

Fiume e escalas, <i>Zichy</i>	6
Pacifico e Rio da Prata, <i>Potosi</i>	7
Santos, <i>Laparica</i>	7
Rio da Prata, <i>Duchessa di Genova</i>	8
Bordões por Lisboa, Pernambuco e Bahia, <i>Eputeur</i>	8
Santos, <i>Graf Bismark</i>	9
Hamburgo por Lisboa, Pernambuco e Bahia, <i>Porto Alegre</i>	9
Liverpool por Bordões, Lisboa, Pernambuco e Bahia, <i>Bela</i>	9
Antuerpia e escalas, <i>Celeridge</i>	9
Rio da Prata, <i>La Plata</i>	9
Havre por Lisboa, Pernambuco e Bahia, <i>Ville de Rosario</i>	10

Vapores a sahir

Nova York, <i>Cachemir</i>	6
S. Matheus e escalas, <i>Lucia</i> (4 horas)....	6
Portos do Sul, <i>Critybu</i> (11 horas).....	6
Santos, <i>Enrique Barroso</i>	6
Sepeitiba e escalas, <i>Sepeitiba</i>	6
Rio da Prata, <i>O. éoque</i>	7
Santos, <i>Itaco'oni</i>	7
Santos, <i>Cintra</i>	7
Portos do Sul, <i>Rio Paraná</i> (meio-dia) ...	7
Itapemirim, Victoria, Caravellas e Cann., <i>Mathilde</i> (8 horas).....	8
Portos do Sul, <i>Ordina</i>	8
Liverpool e escalas, <i>Potosi</i>	8
Nova York e escalas, <i>Vigilança</i>	9
Hamburgo, pela Bahia, Pernambuco e Lisboa, <i>Itaparica</i>	9
Genova e Napoles, <i>Duchessi di Genova</i> ...	9
Portos do Norte, <i>Jubatão</i>	9
Itapemirim, Benevente, Victoria e Caravellas, <i>Augusto Leul</i> (8 hs.).....	10
Antuerpia e Bremen, pela Bahia e Pernambuco, <i>Graf Bismark</i>	10
Portos do Norte, <i>Brazil</i> , (10 horas).....	10
Bordões, pela Bahia e Lisboa, <i>La Plata</i> ...	10

EDITAES E AVISOS

Côrte de Appellação

Faço publico que os trabalhos do Tribunal da Corte de Appellação ficam suspensos até que esteja concluida a mudanga do mesmo para o edificio da rua do Passaio n. 44, de conformidade com o aviso do Ministerio da Justiça de 31 de dezembro ultimo.

Secretaria da Corte de Appellação, 5 de janeiro de 1892.

Junta Commercial

Pela secretaria desta junta se faz publico, na conformidade do art. 29 do decreto n. 596 de 19 de julho de 1890, que, no periodo de 1 de outubro a 31 de novembro ultimo, foram archivados os estatutos das seguintes sociedades anonymas:

- Sociedade Anonyma Turf-Bank, com o capital de 100:000\$000.
 - Companhia de Olarias Suburbanas, capital 200:000\$000.
 - Companhia Melhoramentos de Santos, capital 2.000:000\$000.
 - Companhia Mineralurgica Brasileira, capital 2.000:000\$000.
 - Sociedade Anonyma O Brazil, capital..... 200:000\$000.
 - Sociedade em commandita por açções sob a firma de Guilherme Bastos & Co.np., com o capital de 700:000\$000.
 - Companhia de Tecelagem Santa Luiza, capital 300:000\$000.
 - Banco União Agrícola do Brazil (de Credito Real), capital 50:000:000\$000.
 - Empreza Theatral do Brazil, capital..... 500:000\$000.
 - Companhia Industrial de Kiosques, capital 1.500:000\$000.
 - Companhia Metallurgica e Constructora, capital 2.500:000\$000.
- Secretaria da Junta Commercial da Capital Federal, 31 de dezembro de 1891.— *Cesar de Oliveira*.

Secretaria de Policia

De ordem do Sr. Dr. chefe de policia desta capital, faço publico que esta Repartição precisa contratar o fornecimento de 500 mantas de lã, escura para uso dos detentos da Casa de Detenção.

As pessoas que quizerem encarregar-se de tal fornecimento, são convidadas a apresentar nesta secretaria, no dia 12 do corrente, ás 11 horas da manhã, suas propostas fechadas e acompanhadas de amostras, exhibindo até a vespera daquella data documentos que proveem:

1º, pagamento de imposto da respectiva casa commercial, relativo ao ultimo semestre vencido;

2º, contracto mercantil por meio de certidão extrahida dos livros de registri o da Junta Commercial, quando se tratar de firma social;

3º, procuração, quando o proponente se fizer representar por terceira pessoa.

As propostas serão abertas, á vista dos proponentes ou seus procuradores e devem ser em duplicata, escriptas com tinta preta, sem rasuras, entrelinhas ou emendas, tendo o preço da unidade por extenso e em algarismo, sendo assignadas pelos proponentes ou seus legitimos procuradores, selladas, datadas do dia da apresentação e contendo a declaração de sujeitarem-se os proponentes as condições que nos contractos se estipularem, bem como uma multa de 100\$ a 200\$, para o caso de não comparecerem a assignar o contracto dentro do prazo do chamamento publicado no *Diario Officia'*.

Secretaria da Policia da Capital Federal, 4 de Janeiro de 1892.— Pelo secretario, o official-maior, *José de Souza Lima*.

Brigada policial da Capital Federal

Pagamento aos fornecedores

O conselho administrativo paga, terça-feira, 5 do corrente, do meio-dia ás duas horas da tarde, as contas relativas ao mez de outubro do anno findo, prevenindo-se aos fornecedores que serão multados em 5% sobre a totalidade de suas contas, na forma da condição 8ª do respectivo contracto, os que deixarem de comparecer ou não se fizerem representar por procurador especialmente habilitado.

Secretaria da brigada policial da Capital Federal, 3 de janeiro de 1892.— *Carlos Alberto da Cunha*, capitão secretario.

Inspeção Geral das Obras Publicas da Capital Federal.

Fornecimento de dormentes para a Estrada de Ferro do Rio do Ouro.

De ordem do Sr. Dr. inspector Geral se faz publico que nesta repartição, á praça da Republica n. 103, recebem-se no dia 16 do corrente mez, ao meio dia, propostas para o fornecimento de 10,000 dormentes de madeira de lei de 1ª qualidade para a Estrada de Ferro do Rio do Ouro.

As dimensões devem ser de 1 metro e 80 de comprimento, 0m,18 de largura e 0m,14 de espessura.

O prazo para todo o fornecimento será de quatro mezes, contados da data da assignatura do respectivo contracto.

Os dormentes deverão ser entregues em qualquer ponto ao longo da linha da Estrada de Ferro do Rio do Ouro ou na ponte de descarga na Quinta do Cajú.

As propostas deverão declarar as qualidades das madeiras, os logares da entrega, as quantidades que poderão fornecer por mez e o preço por duzia de dormentes.

As propostas poderão se referir a todo ou parte do fornecimento.

Os proponentes farão um deposito prévio 100\$ na thesouraria da Estrada de Ferro do Rio do Ouro para garantia da assignatura do contracto, ficando entendido que perderão o direito a essa quantia aquelles proponentes que forem preferidos e recusarem-se assignar o respectivo contracto.

Os proponentes, cujas propostas forem acceitas, farão deposito no Thesouro Nacional da quantia correspondente a 10% da importancia dos fornecimentos, destinado a garantir a fiel execução do contracto.

As propostas, selladas e documentadas com o recibo da caução prévia entregues nesta inspeção até o dia e hora fixado, serão abertas na presença dos proponentes que comparecerem á concorrência; não sendo acceitos as que posteriormente forem apresentadas.

Inspeção Geral das Obras Publicas da Capital Federal, 2 de janeiro de 1892.— *A. J. de Souza*, secretario.

Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal

EXAMES GERAES DE PREPARATORIOS

Quinta-feira, 7 do corrente, ás 10 horas da manhã, serão chamados no Externato do Gymnasio Nacional, á rua Larga de S. Joaquim, os examinandos seguintes:

Portuguez (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Piragibe

- Eugenio Barbosa de Barros.
- José Vicente de Araujo Silva.
- Joaquim Ignacio Silveira da Motta Junior.
- Octavio Henrique da Costa.
- Cecilia Martins da Rocha.
- Augusto Leite de Castro.

Turma suplementar

- Alvaro Cardoso Machado.
- Alfredo Leite de Castro.
- Amadeu Ritter.
- Arthur de Souza Pereira.
- Jayne Augusto dos Santos Miranda.
- José Nicolão Goursand.

(2ª mesa) — Presidencia do Dr. Guilherme Teixeira

- Gastão Cornelio de Moraes.
- Raul de Moraes Veiga.
- Zuzimo Barrozo do Amaral.
- Octavio Augusto Cesar Bastos.
- Franklin Pacheco.
- Enéas da Cruz Galvão.

Turma suplementar

Antonio Angelo Pedroso Junior.
Antonio Herculano de Souza Bandeira.
Amanda Marques.
José Feliciano de Moraes Costa.
Corina Duvivier.
Theodoro Duvivier Junior.
(3ª mesa) — Presidencia do Dr. Malheiros
Jayme Bourget.
Alcides Francisco de Oliveira Vianna.
Marcio Monteiro.
Laurindo Gomes de Oliveira.
Antonio Teixeira Monteiro Netto.
Napoleão Coelho de Oliveira.

Turma suplementar

Rubens da Silva Leitão.
Ricardo Joaquim da Cunha Junior.
Alberto Simões da Silva.
Americo Soares Maciel.
Manoel Janvrot.
Estacio de Sá e Benevides.
Francez (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Castello Branco

Adolpho Tavares Paes.
Luiz de Carvalho.
Israel Gomes de Oliveira.
José de Souza Lima Rocha.
Carlos de Andrade.
Eduardo das Chagas Ribeiro.

Turma suplementar

Luiz Carlos Berrini.
Cornelio José Murphy.
Emerenciana Augusta Barbosa.
Joaquim Antonio Vieira de Souza.
Thomé Borges Costa Reis.
Joaquim Fernandes de Miranda.

(2ª mesa) — Presidencia do Sr. Alonso Adjuto

Domingos Rubião Alves Meira.
José de Seixas Souto Maior.
Antonio da Costa Santos.
Luiz Pettamanti.
João Fernandes de Miranda.
Henrique Cardoso de Andrade.

Turma suplementar

Joaquim José de Souza Breves Filho.
Eurico Augusto de Siqueira.
Salvador Lopes de Figueiredo.
João Baptista de Mello Brandão Junior.
Joaquim Antonio Alves Ribeiro.
José Silverio Barbosa.

Inglez — Presidencia do Sr. Said-Ali

José Garcia do O' de Almeida.
Cornelio Alberto Meinicke.
Gastão do Brazil Carmo.
Augusto Elysio de Souza.
Afro do Amaral Fontoura.
Luiz Pereira Cardoso de Oliveira.

Turma suplementar

Elpidio Cordeiro.
Julio Cordeiro Cotias.
Aristides Coimbra de Macedo.
Henrique Romaguera de Magalhães.
Affonso de Escragnolle Taunay.
Manfredo Antonio da Costa.

Latim — Presidencia do Dr. Noronha

Umberto Aulletto.
Placido Martins Pereira de Mello.
Francisco da Fraga Vieira.
Alvaro de Barros Machado da Silva.
Pedro Felicio dos Santos Brandão.
Carlos Eboli.

Turma suplementar

Manoel Murtinho de Souza Nobre.
Manoel José Murtinho Filho.
José Antonio Murtinho Sobrinho.
Alberto Ferreira.
Joaquim Pereira Werneck de Almeida.
Brazilino Pinto de Freitas.

Geographia (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Mattoso Maia

Joaquim Fernandes de Miranda.
João do Nascimento Navarro.
Alberto Augusto do Amaral.
Heitor Gitahy.

Turma suplementar

Gregorio Garcia Seabra Junior.
Fernando da Silva Santos.
João Baptista do Nascimento Silva.
José Guimarães da Silva Vairão.

(2ª mesa) — Presidencia do Dr. Romero

Manoel Estanislau Cruz Galvão.
Mario de Belfort Ramos.
João Alves Meira Junior.
José de Souza Lima Rocha.

Turma suplementar

Ricardo Greenhalgh Barreto.
Octavio Moraes.
Domingos Jacy Monteiro.
Geral Candido Martins Junior.

Historio geral — Presidencia do Dr. França.

Julio Cesar Ribeiro de Rezende.
Eugenio da Cunha e Mello.
Julio Viveiros Brandão.
Aureliano Roberto Duarte.

Turma suplementar

José Alves da Torre.
Roberto Paulino Soares de Souza.
Benoni Carlos da Veiga.
João Caetano de Oliveira Guimarães.

Arithmetica e algebra (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Gabaglia

Affonso Carlos de Albuquerque Nunes.
Alfredo Amancio dos Santos.
Luiz Xavier Martins.
Pedro Antonio Basilio.

Turma suplementar

Julio Cesar da Costa Marques.
João Cancio Nunes de Mattos Junior.
Joaquim José da Silva Freire.
Oscar Publico de Mello.

(2ª mesa) — Presidencia do Dr. Portocarrero

Alfredo de Araujo Gonçalves.
Candido Miranda da Nobrega de Andrade.
Gustavo Marques da Silva.
Jeronymo de Sá Pinto Serqueira.

Turma suplementar

José de Souza Motta Junior.
Luiz Augusto de Almeida Ramos.
Olympio Rodrigues Pereira.
Affonso Herculano de Lima Junior.

Inspectoria geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal, 6 de janeiro de 1892. — O secretario, Manoel Maria Noqueira Serra.

PATENTES DE INVENÇÃO

N. 1.371 — Memorial descriptivo acompanhando um pedido de privilegio durante 15 annos, na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para movimentos mecanicos aperfeicoados. Invenção de Sigismund Baron Wortmann, morador em Nova-York (Estados Unidos da America do Norte)

A natureza desta invenção consiste em um movimento mecanico destinado a utilizar a força de uma mola em espiral para actuar um mecanismo, sendo seus objectos: em primeiro lugar obter, sob a reacção da mola, um numero de revolução do eixo da mola consideravelmente superior ao numero de vezes que o mesmo eixo se resolve para armar a roda, prolongando-se assim o tempo necessario para desarmar a mola, e desenvolvendo o eixo uma força maior para cada tensão da mesma; e em segundo lugar, prevenir a ruptura da mola quando se desarma rapidamente e facilitar a operação de pôr a mesma mola sob tensão.

Compreheende a invenção a combinação e construção das partes que se descrevem adiante: Nos desenhos, a fig. 1 é uma elevação seccional pela linha 11 da fig. 2; e a fig. 2, uma elevação seccional semelhante pela linha 2-2, da fig. 1. A fig. 3 é uma vista em plano de outra combinação de meu movimento; a fig. 4, uma vista em seccão pela linha x-x da fig. 3; e a fig. 5 uma seccão de detalhe pela linha y-y, da fig. 3.

E, designa o eixo da mola. G o contra eixo. D a mola em fôrma de espiral ou helice enrolada sobre o eixo E. C é o tambor que contém a mola, de que a extremidade interior se acha fixada no eixo E, e a extremidade exterior no mesmo tambor C.

A força da mola não se applica directamente ao eixo E; empregou uma engrenagem differencial intermediaria entre o tambor C e o eixo E para transmittir a força da mola a este eixo. Consiste essa engrenagem differencial nas molas A, B, F, podendo aliás variar a fôrma da engrenagem. O tambor C está frouxo sobre o eixo E, assim como a roda A, e os mesmos, tambor e roda, se acham rigidamente fixados entre si, por meio de parafusos, por exemplo. A roda composta F acha-se supportada pelo contra-eixo G e a roda B está montada sobre o eixo E, ao lado da roda de tambor frouxa A.

O movimento representado nas figs. 1 e 2 é especialmente applicavel a um relógio, quando se quer fazê-lo andar durante muito mais tempo que por qualquer outra combinação de motores de mola que me seja conhecido: nessa disposição a roda B se acha fixada directamente no eixo E, como em C', nas figs. 1 e 2. Não fixo, porém, de modo permanente a roda B no eixo, particularmente quando o movimento ha de ser empregado para actuar uma machina de coser, um phonographo ou outra machina leve. Nesses casos uso a garra automatica G' fig. 3 para fixar a roda B ao eixo.

As rodas A, B, situadas sobre o eixo, são essencialmente de diametros differentes.

Assim a roda A é maior que a roda B; a proporção relativa porém das duas rodas pôde-se variar construindo a roda B maior que a roda A. Os diametros relativos das rodas podem igualmente variar na proporção do numero mais ou menos consideravel de voltas que deve dar a roda B, para um numero dado de voltas da roda A quando se afrouxa a mola.

A roda composta F está fixada no contra-eixo por uma chavea g. Compreheende essa roda duas partes a, b, de diametros differentes; prendendo-se a parte a na roda A, e a parte b, na roda B. A roda F é preferivel seja menor que as rodas A, B e se pôde construir indifferenteemente de uma ou de duas peças.

Nos desenhos representei as differentes rodas como sendo rodas com dentes direitos; apesar, porém, de preferir este modo de engrenagem, por motivo de simplicidade e de economia, não me limito áquella fôrma particular de engrenagem, sendo evidente que se pôde empregar qualquer outra. Por exemplo, posso dar ás rodas A, B, F, a fôrma de rodas de cavilha (*sprocket wheels*) e ligal-as por cadeias, ou as rodas podem ter a fôrma de pulias de face chata ou de encaixe, sendo ligadas por correias; servem finalmente para o meu fim, outras fôrmas de engrenagem.

Ao applicar meu motor a uma machina andando com velocidade, achei que a mola se desenrola com tal rapidez que ha perigo de se romper. Para remediar a este inconveniente nesta classe de motores, imaginei a garra automatica G' representada nas figs. 3 e 4. Nessa machina, a roda B acha-se acomodada frouxamente sobre o eixo, e é dotada de um bucho dentado f adaptado para se prender nas endentações correspondentes g 1 da garra G 1, a qual se acha cavilhada em g 2 solidamente sobre o eixo. A garra se acha normalmente comprimida de modo a se engastar no bucho f da roda B por uma mola especial H, ou meio equivalente.

Para melhor armar a mola e regular a mesma, posso empregar as rodas de linguete I, J, e seus linguetes correspondentes I', J', que estão acomodados frouxamente sobre um botão ou poste commum j. A roda I está fixada rigidamente no tambor C, achando-se a roda J fixada directamente no eixo E, e os dentes das rodas de linguete I estão inclinados em direcção contraria dos dentes da roda J.

O modo de funcionar do mecanismo é como segue:

Para armar a mola desenrolando-a do eixo, pôde-se fixar neste um disco-manivella ou

uma manivella, a que se dá volta á mão. A garra obriga então a roda B a gyrar com o eixo e essa roda põe por sua vez em rotação o contra-eixo, que faz gyrar a roda A e o tambor, enrolando-se assim a mola a partir de sua extremidade superior ou lado exterior pela rotação do tambor, que se acha frouxo sobre o eixo. Para enrolar a mola no seu lado interior e directamente a partir do eixo da mola, prende-se o linguete I' com a roda de linguete I situada sobre o tambor, ligando-se assim directamente o mesmo tambor ao eixo, bastando algumas voltas da manivella de mão para pôr completamente a mola sob tensão.

Depois de armada a mola, pôde-se manter sob tensão, ajustando o linguete J em relação á roda J; erguendo-se, porém, esse linguete, a mola desenrola-se livremente e põe em rotação o eixo por meio da engrenagem differencial e da garra.

A mola não actua directamente sobre o eixo em que está fixada, mas opera por meio do tambor, da engrenagem differencial e da garra para fazer gyrar seu eixo.

A garra fica mantida por sua mola em contacto com a roda frouxa B, de modo a obrigar a mesma roda a pôr em rotação o eixo da mola durante o tempo que a força de reacção da mola se exerce sobre o tambor e a engrenagem differencial, ou até que as partes attingam bastante velocidade para superar a tensão da mola; quando, porém, a força da mola se acha gasta, e as partes continuam ainda a revolver com rapidez em virtude da força adquirida enquanto a mola actuava o tambor e engrenagem differencial, a garra desprende-se automaticamente da engrenagem, libertando assim a roda frouxa B e o tambor do eixo da mola, enquanto as partes se acham em movimento.

Como a garra está desprendida da roda frouxa, e por conseguinte fica a mola independente do eixo, sufficientemente para cessar de actuar sobre o mesmo, é evidente que a mesma mola não pôde se deteriorar enquanto as partes estão revolvendo, ponto este muito importante.

A manivella pôde se applicar á extremidade do contra-eixo para pôr em rotação este ultimo, a engrenagem differencial e a mola e seu tambor do modo decripto acima; porém, se fôr desejado enrolar a roda directamente a partir do eixo, o linguete J' ha de se prender directamente na roda de linguete J, sobre o eixo da mola. Deve-se notar que a garra não se prende na roda frouxa B, quando as partes se põem em rotação para enrolar a mola directamente a partir do eixo. E porque o bucho dentado f' escorrega além das endentações da garra quando gyra a roda B.

A mola pôde ser armada a partir do contra-eixo, ajustando-se o linguete J' de modo a se prender em sua roda de linguete correspondente e desprendendo-se o linguete I' de sua roda I, depois de que a manivella do contra-eixo se pôde manobrar pondo em rotação a engrenagem, o tambor e a mola, e ficando o eixo estacionario e escorregando a garra livre das endentações no bucho f' da engrenagem frouxa. O linguete I' pôde ficar sempre em contacto com a roda I (menos quando o contra-eixo é posto em movimento pela manivella para armar a mola), porque a ponta deste linguete desprende-se automaticamente dos dentes da roda de linguete quando a mola se desenrola para pôr em rotação o tambor, a roda do mesmo, a engrenagem differencial e o eixo da mola. Si fôr desejado, pôde-se empregar uma mola ou alavanca equivalente para impedir o linguete I' de recuar muito longe e sair da posição conveniente para funcionar.

Não considero como essencial o emprego das duas rodas de linguetes e dos lingetes de I' e J', as quaes se podem dispensar; prefiro, porém, usal-os por me permitirem regular melhor a mola.

Em resumo, reivindico como pontos e caracteres constitutivos da invenção:

1.º, a combinação, com uma mola e seu eixo, da engrenagem differencial operando para

transmittir a força da mola a seu eixo, substancialmente como foi descripto;

2.º, a combinação, como uma mola e seu eixo da engrenagem differencial comprehendendo a roda A adaptada para ser actuada pela mola, a roda B, fixada rigidamente no eixo, e roda ou rodas entre as rodas principaes A e B, substancialmente como foi descripto;

3.º, a combinação, com um eixo, uma mola e seu tambor, da engrenagem differencial comprehendendo a roda A fixada rigidamente no tambor, a roda B fixada rigidamente no eixo, e uma roda composta intermediaria, entre as duas rodas principaes, substancialmente como foi descripto;

4.º, a combinação com um eixo, uma mola e um tambor, da engrenagem differencial comprehendendo as rodas fixas, frouxas e intermediarias, substancialmente como foi descripto;

5.º, a combinação, como um eixo e uma mola de uma engrenagem differencial, e uma garra adaptada para prender ou soltar a engrenagem differencial, substancialmente como foi descripto;

6.º A combinação, com um eixo, uma mola e um tambor, de uma engrenagem differencial tendo suas rodas principaes collocadas sobre o eixo e uma garra automatica prendendo-se normalmente em uma das mesmas rodas principaes e adaptada para se soltar da mesma ao approximar-se a mola de seu limite de acção, substancialmente como foi descripto;

7.º A combinação, com um eixo e uma mola e tambor, de uma engrenagem differencial substancialmente como foi descripto, tendo uma das rodas dotada de um bucho dentado, e uma garra regulada por uma mola fixada rigidamente no eixo, substancialmente como foi descripto.

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1891.—
Como procurador, *Jules Géraud*.

SOCIEDADES ANONYMAS

Companhia União Industrial de Fumos

ACTA DA ASSEMBLEA GERAL EXTRAORDINARIA

Aos 20 dias do mez de novembro de 1891, reunidos na sala de suas sessões, á rua de S. Pedro n. 144, ás 12 h2 horas, accionistas representando 3.183 acções, numero mais que sufficiente para deliberar, por ser esta a terceira convocação, o Sr. Cornelio de Souza Lima, abriu a sessão, convidando para presidir a o Sr. accionista José de Barros Taveira, que pediu dispensa, lembrando estar o cargo bem investido na pessoa do Sr. Cornelio Lima; e que todos os outros accionistas concordam, em vista do que o mesmo senhor convidou para 1.º secretario o Sr. Manoel José de Mello Junior e 2.º o Sr. João Gonçalves de Menezes, que tomaram logar na mesa.

Aberta a sessão, o Sr. presidente leu uma circumstanciada exposição da directoria, onde expunha aos accionistas o estado pouco lisonjeiro por que corriam os negocios da companhia, terminando por pedir a sua liquidação; a qual si não fosse aceita, os Srs. accionistas lembrariam o melhor alvitre que mais conveniente fosse aos interesses de todos. Pediu a palavra o Sr. Taveira, lembrando ao Sr. presidente, mandar fazer a leitura do balanço demonstrativo que se achava sobre a mesa, sendo satisfeito no seu pedido, depois do que, o mesmo senhor apresentou uma proposta para ser nomeada comissão para proceder a detido exame e dar seu parecer sobre o estado da companhia.

Em seguida pediu a palavra o Sr. João Carlos da Costa, para que os Srs. accionistas votassem a liquidação da companhia, indicando, sob proposta, para liquidantes os Srs. Ferraz Seraphim & Comp., Antonio Leite de Carvalho e José de Oliveira Graça: sendo posta a votos foi rejeitada contra o voto do seu autor, que pediu a sua retirada. De novo pediu a palavra o Sr. Taveira pedindo para

que fosse votada a sua proposta e bem assim o prazo de 6 dias para a commissão dar seu parecer; sendo submettida a votos, foi approvada, nomeando o Sr. presidente por indicação do Sr. Antonio Leite de Carvalho aos Srs. José de Barros Taveira, Manoel José de Mello Junior e José de Oliveira Graça, deliberando-se que a seguinte sessão convocada para o dia dia 26, fosse em continuação a esta. Nada mais havendo a tratar, deram-se por terminados os trabalhos.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1891.—
Assignados: Cornelio de S. Lima, Manoel José de Mello Junior, Alberto Ribeiro de Faria, Theophilo de Souza Lima, por si e por seus constituintes, Ignacio José de Motta, Matta Fragozo & Comp., por si e por seu constituinte José de Souza Teixeira, Ferreira Tavares & Comp., por si e com procuração de José Gonçalves da Motta, Manoel Joaquim Gonçalves Pereira, Antonio Gonçalves Machado, Machado Carvalho & Comp., Joaquim Ferreira Cardoso Maia e José de Barros Taveira.
Assembléa geral extraordinaria, em 26 de novembro de 1891, em continuação á de 20 do corrente.

Aos vinte e seis do mez de novembro de 1891, á 1 hora da tarde, presentes 26 accionistas, representando 3.213 acções, como consta do livro de presença, assume a presidencia o Sr. Cornelio de Souza Lima, que convida para occupar o cargo de 2.º secretario o Sr. Alberto Ribeiro de Faria, por se achar ausente o da sessão passada.

O Sr. Manoel José de Mello Junior, convidado para o cargo de 1.º secretario, como na sessão passada, manifestou escrúpulo em occupar este logar, visto fazer parte da commissão que vem apresentar o relatório, por incumbencia da assembléa passada; consultada a assembléa, decidiu esta não haver incompatibilidade alguma, podendo o mesmo senhor, embora membro da commissão, contiuar a desempenhar o cargo de 1.º secretario.

E' lida e sem discussão assignada a acta anterior pelos accionistas presentes.

O Sr. presidente convida o Sr. Mello Junior para proceder á leitura do parecer da commissão incumbida de analysar e julgar as diversas verbas do activo e passivo da companhia.

O Sr. Mello procedeu á leitura do parecer, o qual demonstra que a liquidação da companhia importaria em prejuizo total para os accionistas, e aconselha a transformação da companhia em uma sociedade commercial commanditaria.

O Sr. presidente, finda a leitura do parecer, submette-o á discussão.

Manifestam-se diversos Srs. accionistas, que são de opinião da commissão, salvo na parte referente ao valor actual de cada entrada, realisada pelos accionistas. Tendo dado a commissão o valor de 2\$610 para cada entrada de 20\$, a assembléa, depois de exame rigoroso das verbas descriptas e analysadas pelo parecer da dita commissão, reconhece que é excessivo aquelle valor, e reduz-o a 2\$000.

A commissão concorda com a emenda da assembléa, tornando-se assim unanime esta modificação.

De conformidade com um dos conselhos do parecer, diversos Srs. accionistas mandam á mesa a seguinte

Proposta

Propomos que se transforme a companhia em uma sociedade commercial, com dous socios solidarios e os demais como commanditarios proporcionalmente ao capital respectivo, conforme o calculo da commissão, isto é, á razão de 10 % do valor de suas entradas realisadas, recebendo os accionistas que não quizerem entrar nesse accção seu capital nessa proporção, dentro do prazo de doze mezes, S. R. em 26 de Novembro de 1891.—José de Barros Taveira, Manoel Joaquim Gonçalves Pereira, por procuração José Gonçalves da Motta, Theophilo de Souza Lima, Manoel José de Mello Junior, Motta Fraga & Comp., Ignacio José da Motta, Ferreira Tavares & Comp., Joaquim Ferreira Cardoso Maia, Machado Carvalho

& Comp., Antonio Gonçalves Machado e Coronel de S. Lima. O Sr. presidente põe em discussão esta proposta que é unanimemente approvada. Em seguida o Sr. Alberto Ribeiro de Faria, em vista da approvação daquelle proposta, formula verbalmente as seguintes bases em que deve firmar-se o contrato para a formação da referida sociedade:

1^a, o capital social será constituído pelas entradas realizadas com a depreciação de 90% e mais a quantia necessaria para satisfazer os compromissos existentes;

2^a, serão somente dous os socios solidarios e ao mesmo tempo gerentes, escolhidos de entre os mais habilitados para o negocio e que gozem de maior consideração no commercio;

3^a, os socios solidarios, devendo hypothecar todos os seus serviços aos interesses da sociedade, perceberão os honorarios mensaes de quinhentos mil réis cada um, sem direito a nenhuma outra vantagem que não seja commun a todos os socios commanditarios;

4^a, dos lucros verificados pelo balanço annual, tocará a cada socio solidario ou commanditario parte proporcional ao capital de cada um;

5^a, a sociedade durará até 31 de dezembro de 1894;

6^a, os socios solidarios poderão retirar mensalmente a quantia de 500\$ cada um, que será levada a debito das respectivas contas particulares;

7^a, no caso de fallecimento ou impedimento legal de qualquer dos solidarios, será o lugar deste preenchido por um outro a escolha dos demais socios, reformando-se unicamente a firma social, como é de lei;

8^a, no caso de morte de qualquer socio solidario ou commanditario, serão os seus herdeiros pagos de seu capital e lucros pelo ultimo balanço já dado, recebendo o que lhes tocar em doze letras iguaes e mensaes, sem jurosalgum, acceitas pela firma que continuar a vigorar ou pela que for instituida;

9^a, quando a morte de qualquer socio tenha lugar no correr do primeiro anno social, isto é, antes do primeiro balanço, os seus herdeiros terão direito a receber somente o seu capital, mas a dinheiro á vista;

10, será facultada, em qualquer tempo, a retirada de qualquer dos socios commanditarios, fazendo o mesmo a sua proposta por escripto e sendo ella acceita pelos demais socios reunidos para esse fim;

11, somente no caso de rejeição dessa proposta poderá ser comprada a parte do socio que quizer retirar-se, por qualquer dos outros individualmente;

12, por occasião da assignatura do contracto social cada um dos actuaes accionistas da companhia será portador das cautelas que possuir e no competente livro fará as devidas transferencias de suas acções para a firma que ficar constituída em virtude deste contracto;

13, será admittida no contracto social qualquer outra condição não lembrada agora, mas que seja julgada conveniente pela maioria absoluta dos socios componentes, uma vez que seja no interesse geral.

O Sr. Manoel Joaquim Gonçalves Pereira propõe para os cargos de gerentes e solidarios os Srs. Antonio Gonçalves Machado e Antonio Leite de Carvalho, o que é unanimemente approvado.

O mesmo senhor propõe que seja alterada a base 3^a, no sentido de dar-se aos socios solidarios, não os honorarios de 500\$, mas sim a porcentagem de 10% a cada um. O Sr. Barros Taveira ampliou esta emenda elevando a 15% dos lucros liquidos annuaes a porcentagem que caberá a cada solidario; sendo depois de breve discussão esta ultima emenda approvada por unanimidade de votos.

O Sr. presidente consulta a assemblea, que approva por unanimidade as bases do contracto formuladas pelo accionista Sr. Alberto de Faria, salvo a emenda do Sr. Barros Taveira, que, como já se disse, foi approvada em separado.

O Sr. presidente propõe os seguintes additivos: que nos casos em que tenham de ser ouvidos todos os socios, terá um voto o socio

que possua um capital até 500\$, e que cada 500\$ excedentes, representará outro voto, até ao maximo de vinte votos; que a escripta da sociedade seja feita com toda a regularidade, não podendo estar atrasada mais de um mez, salvo por occasião do balanço, que poderá ter logar não já obrigatoriamente nos fins de cada anno, mas até 31 de março seguinte, dando tempo a que sejam convocados todos os socios para lhes serem presentes as contas: que haja um livro de transcrição de balancetes mensaes que esteja sempre á disposição dos commanditarios.

Consultada a assemblea, são approvados os additivos do Sr. presidente.

A assemblea indica os Srs. accionistas José de Barros Taveira, Manoel Joaquim Gonçalves Pereira, e Joaquim Ferreira Cardoso Maia, para que assignem pela assemblea, conjunctamente com os mesarios, a presente acta.

Emenda em tempo:

Declara-se mais que não é obrigatoria, mas sim facultativa, a entrada em dinheiro para o augmento de capital; que os balanços annuaes terão logar sempre em 31 de dezembro e que o socio commanditario não poderá retirar quantia alguma, mesmo para as suas despesas, antes de findo o prazo do contracto social; que seja contado o prazo improrogavel de oita dias, a contar da data da publicação desta acta para os accionistas virem declarar si acceitam as clausulas exaradas, assignando o contracto, ou si o rejeitam e preferem tornar-se credores pela firma e prazo estabelecidos e, finalmente, se declara que a firma que se constituir será cessionaria de todo o activo e passivo da companhia que se extingue.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente encerra a sessão ás 3 horas da tarde, e eu, 2^o secretario da assemblea geral, por achar conforme, subscrevo a presente, conjunctamente com a commissão e a mesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1891.— *Alberto Ribeiro de Faria.*— *Cornelio de S. Lima*, presidente.— *Manoel José de Mello Junior*, 1^o secretario.— *Manoel Joaquim Gonçalves Pereira.*— *Joaquim Ferreira Cardoso Maia.*— *José de Barros Taveira.*

Companhia Agricola e Industrial Fluminense

ACTA DA SESSÃO DE ASSEMBLEA GERAL EXTRAORDINARIA, CONVOCADA PARA 18 DE DEZEMBRO DE 1891, PARA REFORMA DE ESTATUTOS, REDUÇÃO DO CAPITAL DA COMPANHIA E DIMINUIÇÃO DE DESPESAS ADMINISTRATIVAS

A 1 hora da tarde, estando presentes Srs. accionistas representando 16.774 acções, o Sr. director-presidente, visconde de Lima Duarte, declarou que, achiando-se representados mais de dous terços do capital, a assemblea estava constituída para deliberar, na forma da lei; assim convidava a assemblea a eleger ou acclamar o presidente da mesa. Por proposta do Sr. B. Belizario Soares de Souza, foi acclamado o mesmo Sr. visconde, que convidou para secretario o Sr. Dr. Cypriano Gonçalves da Silva e Duarte Porto. Lida a acta da sessão antecedente, foi ractificada a sua approvação.

O Sr. director Simões Correia appesentou em nome da directoria, o projecto de reforma de estatutos acompanhado do seguinte parecer do conselho fiscal:

A commissão fiscal da Companhia Agricola e Industrial Fluminense, ouvida pela directoria sobre o projecto de reformas dos estatutos que a mesma directoria foi autorizada a organisar pela assemblea geral ordinaria de 21 de novembro proximo passado, no intuito principalmente de reduzir o capital da companhia e ás despesas da administração, é de parecer e approva que o capital seja reduzido a 2.250.000\$ devidido em 11.250 acções de 200\$ cada uma e mais que os estatutos sejam reformados de accordo com o projecto que lhe foi presente.

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1891.— (Assignados) B. Belizario Soares de Souza.— Sebastião Guillobel.— Augusto Nicolau de Souza fantos.— João Gonçalves da Silva.

Em seguida foi lido o projecto da reforma dos estatutos e submettidos os seus artigos a discussão e votação, sendo approvados successiva e unanimemente.

Passando a eleição da administração e conselho, de conformidade com a reforma que acabava de ser votada, receberam-se 14 cedulas, que apuradas deram o seguinte resultado:

Para director-gerente o Dr. Joaquim Francisco Simões Correia, por 1.020 votos.

Para o conselho consultivo os Srs.: Visconde de Lima Duarte, commendador Angelo Eloy da Camara, Dr. José Maria Moreira Senra, por 1.020 votos cada um.

Para supplementes do mesmo conselho os Srs.: Bernardo Belizario Soares de Souza, por 1.110 votos e coronel Honorio Lima e João Antonio Pereira Santiago, por 1.020 votos cada um.

Para o conselho fiscal: Banco Agricola do Brazil, Banco Federal do Brazil, Banco dos Commercialistas, por 1.020 votos cada um.

Para supplementes do mesmo conselho os Srs.: João Gonçalves da Silva por 1.020 votos, Augusto Nicolau de Souza Santos, por 1.110 votos e Candido Nogueira Barbosa por 1.020 votos.

O Sr. presidente da mesa proclamou eleitos os Srs. nomeados, declarando-se empossados os presentes, e visto nada mais haver a tratar-se, foram os Sr. accionistas convidados a demorar-se até que se escrevesse esta acta, que lida, foi approvada, levantando-se a sessão ás 2 horas da tarde.

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1891.— *J. R. de Lima Duarte.*— *Cypriano Gonçalves da Silva.*— *A. M. Duarte Porto.*

ANNUNCIOS

Banco Credito Mercantil

Ficam suspensas as transferencias de acções deste banco desde o dia 10 do corrente, inclusive, até a data em que começar o pagamento do 3^o dividendo

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1892.— O director-presidente, *Andrelino Leite de Barcellos.*

Banco de Credito Garantido

1^a ASSEMBLEA GERAL ORDINARIA

Os Srs. accionistas são convidados a reunir-se em assemblea geral ordinaria, no dia 21 do corrente, á 1 hora da tarde, no salão do Banco Rural e Hypothecario, á rua da Quitanda n. 105.

Ordem do dia

Apresentação do relatório da directoria e parecer do conselho fiscal;

Approvação de contas;

Conclusão da reforma dos estatutos;

Eleição da nova directoria e conselho fiscal.

Em observancia ao disposto no § 4^o do art. 18 dos estatutos, os Srs. accionistas possuidores de acções ao portador, são convidados a depositar-as na thesouraria do Banco, com a antecedencia minima de 3 dias, achando-se, nesse mesmo logar, á disposição dos Srs. accionistas, todos os documentos exigidos por lei.

Rio, 5 de Janeiro de 1892.— *A. P. da Costa Pinto*, presidente.

Banco União de S. Paulo

Transferencias de acções

Faço publico que do dia 1^o de janeiro de 1892 até aquelle em que for annunciado o pagamento do 3^o dividendo, ficam suspensas as transferencias de acções deste banco.

S. Paulo, 22 de dezembro de 1891.— O presidente do banco.— *Antonio de Lacerda Franco.*